

Da Orientação do Islam XV

Estórias dos Piedosos

MARTIR BEM-AVENTURADO, PROFESSOR
AYYATULLAH SHEIKH MORTEDHA MOTAHARI (K.S.)

Elaboração, Supervisão e Apresentação
SHEIKH TALEB HUSSEIN AL-KHAZRAJI

1ª Edição



المركز الإسلامي في البرازيل
Centro Islâmico no Brasil

TRADUÇÃO E REVISÃO DE
ISMAIL AHMED BARBOSA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ayyatullah, Mortedha Motahari

Estórias dos Piedosos / Mártir Bem-Aventurado, Professor Ayyatullah Sheikh Mortedha Motahari; elaboração, supervisão e apresentação Sheikh Taleb Hussein Al-Khazraji; tradução e revisão de Ismail Ahmed Barbosa; -- 1. ed. -- São Paulo : Centro Islâmico no Brasil, 2008 -- (Da Orientação do Islam ; 15)

1. Islamismo 2. Islamismo - Doutrinas
I. Motahari, Mortedha. II. Al-Khazraji, Taleb Hussein.
III. Título. IV. Série.

08-03258

CDD-297

Índice para catálogo sistemático

1. Islamismo : Religião 297

Tradução e Revisão:	Ismail Ahmed Barbosa
Capa, Projeto Gráfico e Editoração:	Yellow Design e Nasreddin Taleb Al-Khazraji
Impressão e Acabamento:	Editora Marse Tel.: (11) 6292-3322 - E-mail: ed.marse@terra.com.br
Tiragem:	2.000 exemplares
Data da Edição:	Jamil al-Thani 1429, Maio de 2008



Tel: 55 11 3361-7348 - Fax: 55 11 3331-5077

www.arresala.org.br

E-mail: edicoes@arresala.org.br

É proibida a reprodução de parte ou da totalidade dos textos sem a autorização prévia. Todos os direitos são reservados.

DA ORIENTAÇÃO DO ISLAM VOLUMES PUBLICADOS

Uma coleção que apresenta a grandiosa religião Islâmica, e se compromete a esclarecer os pensamentos, os princípios e os regulamentos das jurisprudências e leis Islâmicas, as quais referem-se a diversos assuntos, como os culturais, educacionais, morais, jurídicos, e etc...

Esclarecimento este que se baseia no Alcorão Sagrado, a principal fonte da legislação Islâmica, na abençoada tradição do Profeta Mohammad (S.A.A.S.), e no método dos Ahlul Bait (A.S.), que juntos caminham em uma única Senda.

O nosso objetivo é fortalecer o conhecimento Islâmico entre os Muçulmanos e os demais, através da palavra gentil e um diálogo suave, de uma forma prática e de fácil entendimento para todos. Buscando assim, cumprir a nossa obrigação perante Deus e a sociedade.

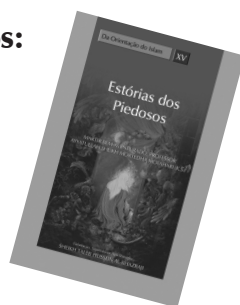
Para executar este trabalho nos fundamentamos numa produção própria da cultura e da sabedoria Islâmica, que vem sendo apresentada em diversas ocasiões e sob diversas formas como: aulas, palestras, matérias, entrevistas e etc.

Como também nos firmamos na tradução de inúmeros trabalhos de autoria dos sábios, líderes, filósofos e fundações culturais do mundo Islâmico, os quais tem um papel fundamental na exposição e na divulgação do pensamento e do conhecimento Islâmico em todos os cantos da Terra.

E sob a direção da Comissão Geral de Publicações do Centro Islâmico no Brasil, supervisionada diretamente pela Sua Eminência **Sheikh Taleb Hussein Al-Khazraji**, buscamos diversificar as nossas publicações, para atender os diversos campos da vida e a mais variada gama de indivíduos.



**Livro que carrega em suas mãos:
Da Orientação do Islam XV
Estórias dos Piedosos**



Agradecimentos	7
Introdução do Editor	9
Estórias dos Piedosos	13
1 – O Estranho	13
2 – Jowaibir e Zalfa	14
3 – O Novo Convertido	19
4 - Nasiba	22
5 – A Queixa contra o Marido	24
6 – O Filho de Hatim	27
7 – Ibn Sayyaba	31
8 – Aqil como hóspede de Ali (A.S.)	33
9 – A Primeira Palavra de Ordem	35
10 – A Proibição da Água	39
11 – O Comerciante Tolo	42
12 – O que aconteceu a teus filhos?	43
13 - A Aposentadoria	47
14 – Nas terras de Mina	48
15 – A Proteção que foi revogada	49
16 – A prece que foi atendida	53
17 – O Direito da Companhia	57
18 - O Mercado Negro	58
19 - O Dinheiro Abençoado	59
20 – Os Direitos da Mãe	61

21 – Estás dormindo ou acordado?	65
22 – As Saudações de um Judeu.....	67
23 – Um Estudante de Idade Madura	67
24 - O Jovem Afrito	69
25 – O Necessitado e o Rico	70
26 – As Últimas Palavras	73
27 – A Greve de Fome do Professor	74
28 – O Astrólogo.....	76
29 – Imam Mohammad al-Baqir e um Cristão.....	77
30 – O Ancião e as Crianças.....	78
31 – Os Salários Não-fixados.....	79

AGRADECIMENTOS

O Centro Islâmico no Brasil agradece imensamente a todos os envolvidos na elaboração e publicação desta obra, uma fonte de conhecimento e enriquecimento moral para todos que buscam se abrigar sob a luz da Mensagem Islâmica.

Também gostaríamos de agradecer à Editora Ansariyan, do Irã, que a partir do meticuloso trabalho de tradução da língua persa para a língua inglesa realizado pela Sra. Saba Zehra Naqavi publicou a edição utilizada para tradução à língua portuguesa, realizada pelo Sr. Ismail Ahmed Barbosa, o qual agradecemos imensamente por seus dedicados serviços. E nosso agradecimento especial é dirigido ao Sr Mehdi Zanjani, responsável pelo Departamento Cultural da Embaixada da República Islâmica do Irã em Brasília, que nos deu a magnífica sugestão de publicar esta importante obra.

Nossa gratidão também se estende à todos os homens e mulheres que lutaram e lutam para manter viva a chama dos ensinamentos do Mártir Ayatullah Mortedha Motahari , levando ao mundo o trabalho deste grande pensador e revolucionário.

Possa Deus abençoar a todos que prezam a iluminação ao invés da escuridão, a sabedoria ao invés da ignorância e a moral ao invés da corrupção. Que com a graça de Deus, O Altíssimo, esses indivíduos possam ser a base para a formação de uma sociedade humana baseada na justiça, igualdade e harmonia.

بِسْمِ اللَّهِ الرَّحْمَنِ الرَّحِيمِ

Em nome de Deus, O Clemente, O Misericordioso.

Louvado seja Deus, o Senhor do Universo, que a paz e a bênção de Deus esteja com Mohammad ibn Abdellah (S.A.A.S.), sobre seus purificados Ahlul Bait (A.S.), seus fieis companheiros e sobre todos aqueles que o seguiram até o Dia do Juízo Final.

Deus, o Altíssimo, disse no Alcorão Sagrado na surata Youssef (Capítulo 12) versículo 111:

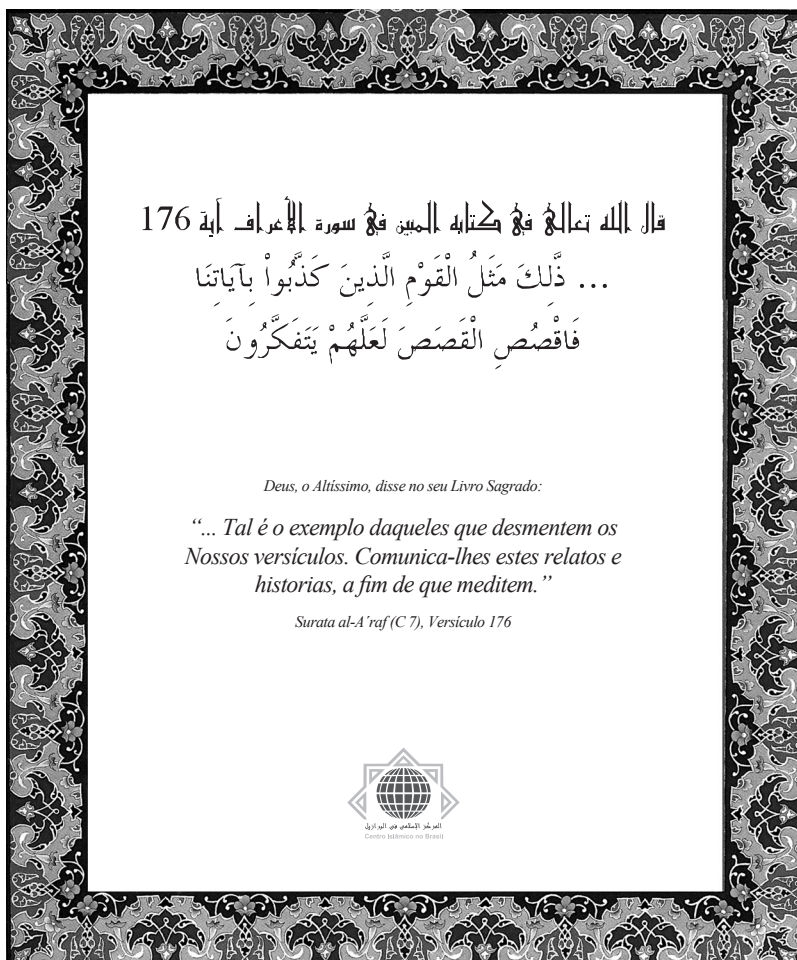
قال الله تعالى في كتابه المجيد:

﴿ لَقَدْ كَانَ فِي قَصَصِهِمْ عِبْرَةٌ لِأُولِي الْأَلْبَابِ ﴾

سورة يوسف - آية 111

“ Em suas histórias há lições e exemplos para os sensatos ... ”

A vida e as diferentes tradições das pessoas estão repletas de lições e exemplos e por este motivo o ser humano deve respeitar seu lugar e deve aprender com as experiências dos seus antecessores. Aprender das lições e colocar em consideração seus bons conselhos para as situações de suas vidas, como sucesso, fracasso, elevação e queda.



Imam Ali ibn abi Taleb (A.S.) disse:

يقول لقمان الحكيم:
﴿ اتعظ بغيرك قبل أن يترل البلاء بك،
و اتعظ بالصغير قبل أن يترل بك الكبير ﴾

“ *Quantas são as lições e quão pouco são os aprendizes .* ”

Loqman al-Hakim disse:

قال الإمام علي بن أبي طالب عليه السلام: ﴿ ما أكثر العبر و اقل الإعتبار ﴾

“ *Aprenda com os outros antes que a tragédia caia sobre ti e aprenda com as mínimas coisas antes que sofra uma grande queda* ”

O livro que tens em mãos, “Estórias dos Piedosos”, é de autoria do sábio e mártir bem-aventurado, Ayyatullah al-Odhmah Sheikh Mortedha Motahari (K.S.), um dos mais eminentes pensadores acerca de diversos assuntos, e discípulo do Imam Khomeini (K.S.). O Sheikh Motahari (K.S.) era considerado fruto do exemplo do Imam Khomeini (K.S.) e foi o líder do conselho da Revolução Islâmica do Irã. Ele enriqueceu a biblioteca e o ensinamento islâmico com seus livros que foram e continuam sendo muito úteis e benéficos. Este livro contém estórias que podem ser colocadas como exemplo em nossas vidas.

Em memória deste grandioso professor e mártir, assassinado pelos hipócritas inimigos do Islam no momento em que cumpria o seu dever sagrado perante o Islam e a sociedade, o Centro Islâmico no Brasil se posiciona humildemente perante

esta grandiosa personalidade e tem a honra de publicar mais uma de suas obras.

Agradecemos imensamente a equipe que cumpriu a missão da melhor forma possível e traduziu, revisou e publicou o livro da mais bela das formas possível.

Rogamos a Deus, o Todo Poderoso, que possa ser útil aos queridos leitor.

Louvado seja Deus, o Senhor do Universo.

Sheikh Taleb Hussein Al-Khazraji

Abril de 2008

Rabi al-Thani 1429

1 – O Estranho

Exausta, carregando um recipiente de água, ela estava ofegante e caminhava para seu lar onde crianças inocentes com seus olhares fixos em direção à porta ansiosamente esperavam pela chegada de sua mãe. Em seu caminho, um desconhecido se aproximou dela. Ele pegou o recipiente de água e o colocou em suas costas. A porta se abriu e as crianças viram sua mãe entrar com um estranho. Ele pôs o recipiente no chão e disse:

- Bem, parece que não tens ninguém para trazer-te água; por que estão tão desamparados?

- Meu marido era soldado; Ali o enviou à fronteira onde ele foi morto. Agora estou só para criar estas crianças pequenas.

O estranho não disse mais nada. Abaixou sua cabeça e foi embora. Porém, a imagem da viúva desamparada e daqueles órfãos permaneceu em sua mente. Ele mal conseguiu dormir naquela noite. De manhã bem cedo, ele pegou um cesto, colocou um pouco de carne, farinha e tâmaras nele, e então rumou para a casa e bateu à porta.

- Quem está aí?

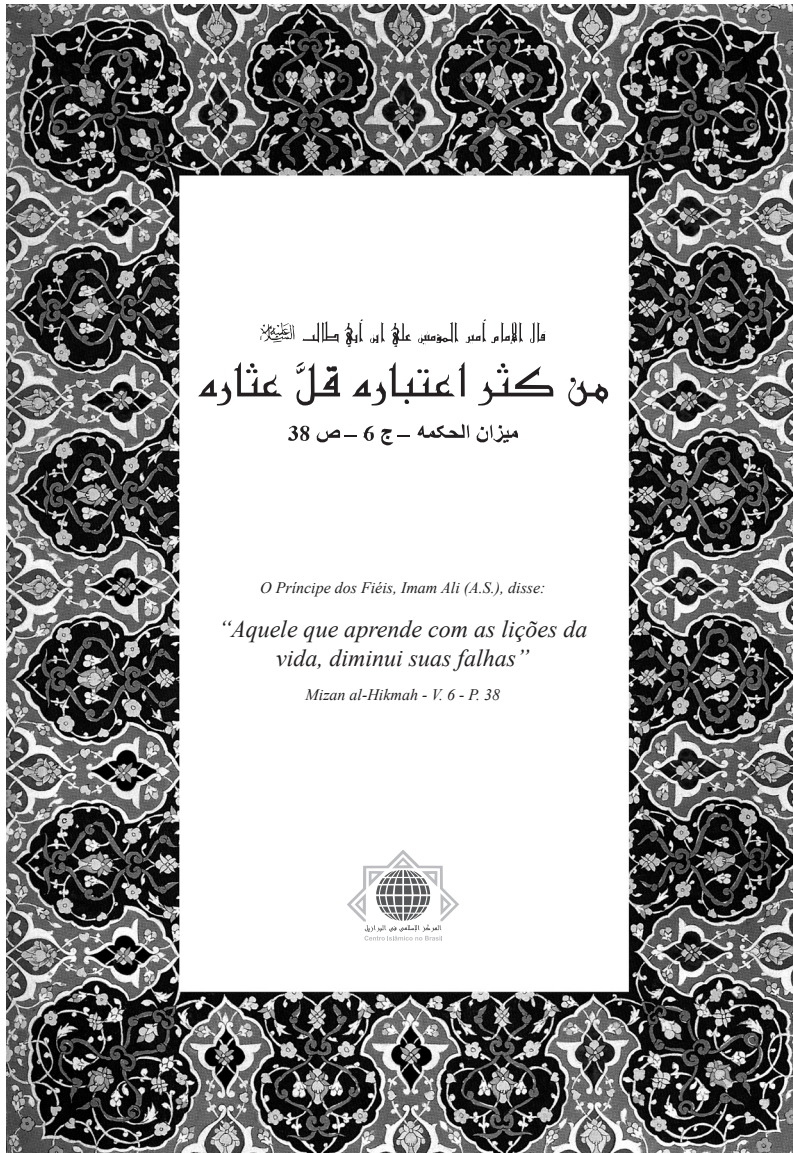
- Eu sou o homem que carregou a água ontem. Trouxe um pouco de comida para as crianças.

- Que Deus o abençoe e que julgue entre nós e Ali.

A mulher abriu a porta. Ao entrar na casa ele disse:

- Eu desejo fazer uma boa ação, deixe-me preparar a massa e cozinhar o pão ou então deixe que eu cuide das crianças.

- Está bem, mas creio que posso preparar a massa e cozinhar o pão melhor do que tu. Cuide então das crianças até que eu termine de cozinhar.



Ela foi preparar a massa e imediatamente ela assou um pouco de carne que ele tinha trazido e deu de comer às crianças dizendo para cada uma delas enquanto punha um bocado de carne em sua boca:

- *Meu filho, perdoa a Ali se ele falhou em sua obrigação para contigo.*

A massa ficou pronta e ela o chamou: “*Cavalheiro! Acenda o forno.*” Ele foi e acendeu o forno. Quando as chamas se avivaram, ele aproximou sua face do fogo e disse: “*Prova o calor do fogo. É a punição para aqueles que não cumprem sua obrigação para com os órfãos e as viúvas.*”

Casualmente, uma mulher da casa vizinha chega, e reconhecendo o estranho, ela clamou:

- *Tu não reconheces o homem que está te auxiliando? Ele é o Amirul’ul Mu’uminin¹, Ali Ibn Abu Talib!*

A viúva se aproximou e envergonhada disse:

- *A maldição e a vergonha estão sobre mim! Eu peço teu perdão.*

- *Não, sou eu quem peço o teu perdão, pois falhei no cumprimento de minha obrigação para contigo.*

2 – Jowaibir e Zalfa

- *Que maravilhoso seria se tu casasses e formasse uma família, pondo fim nesta vida isolada e desamparada? Tu poderias satisfazer suas necessidades naturais e ela também poderia ajudá-lo em suas necessidades e objetivos temporais e materiais.*

- *Ó Mensageiro de Deus, eu não tenho bens e nem beleza; tampouco tenho uma linhagem ou descendência nobre. Quem desejará casar comigo? E que mulher gostaria de ser esposa de um homem pobre, baixo, negro e feio como eu?*

- *Ó Jowaibir! Deus mudou o valor do indivíduo por meio do Islam. Muitos eram bem posicionados na sociedade pré-islâmica e o Islam os rebaixou. Muitos eram desprezados e o Islam conferiu-lhes honra, uma alta posição e lhes elevou. O Islam aboliu a discriminação e o orgulho da linhagem. Agora, todas as pessoas, não importando sua cor ou origem, são iguais. Ninguém possui superioridade sobre os demais senão através do temor e da obediência a Deus. Dentre os muçulmanos a única pessoa que será superior a ti é a que cujas virtudes e ações sejam melhores do que as tuas. Então, faça como eu te digo.*

Essas palavras foram trocadas um dia entre o Profeta (S.A.A.S.) e Jowaibir quando o Profeta (S.A.A.S.) foi ver o povo da “*Suffa*”.

Jowaibir era oriundo de “*Yamamah*” onde soube sobre o Profeta (S.A.A.S.) e o advento do Islam. Ele era pobre, negro e de baixa estatura, mas ao mesmo tempo, um inteligente perseguidor da verdade e um homem de determinação.

Ele foi a Medina² para ver o Islam de perto e em um curto período de tempo abraçou a fé islâmica. Já que não tinha dinheiro, casa e nem amigos, se acomodou, temporariamente, junto com outros muçulmanos pobres na Mesquita, com a permissão do Profeta (S.A.A.S.). Quando foi revelado ao Profeta (S.A.A.S.) que a Mesquita não era um lugar de habitação foi necessário transferi-los para outro lugar. O Profeta (S.A.A.S.) escolheu um local fora da Mesquita e construiu um galpão para eles. O lugar foi chamado “*Suffa*” e os moradores passaram a ser conhecidos como “*Ashabi Suffa*”, todos eles pobres e vindos de lugares distantes de Medina.

1. Título atribuído ao Imam Ali ibn Abu Taleb (A.S.), o 1º Imam dos Ahlul Bait (A.S.), que significa “Príncipe dos Fieis”. Para saber mais consulte o segundo volume da coleção “Da Orientação do Islam”, “O Mensageiro do Islam e os Ahlul Bait”.

2. Cidade onde o Profeta Moammad (S.A.A.S.) está enterrado.

O Profeta (S.A.A.S.) veio visitá-los um dia. Percebendo Jowaibir dentre eles decidiu tirá-lo daquela vida sem amparo. Estava além da imaginação de Jowaibir ter um lar e uma esposa em sua condição. E por isso ele respondeu ao Profeta (S.A.A.S.) perguntando como seria possível que alguém o aceitasse em casamento quando o Profeta (S.A.A.S.) o aconselhou a casar-se. Mas o Profeta (S.A.A.S.) afastou suas dúvidas, explicando-lhe as mudanças produzidas no panorama social do povo do Islam.

Depois de tirar Jowaibir de seu complexo de inferioridade, mandou-o a casa de Ziad Ibn Labaid para pedir a ele a mão de sua filha em casamento. Ziad era uma das pessoas mais ricas de Medina e gozava de alto respeito dentre sua tribo. Quando Jowaibir entrou em sua casa, ele estava rodeado por seus parentes e alguns de seus confrades tribais. Jowaibir se sentou, parou por um momento e então erguendo a cabeça disse:

- *“Eu trouxe uma mensagem do Profeta. Gostarias de ouvi-la confidencial ou abertamente?”*

Ziad disse:

“Uma mensagem do Profeta é uma honra para mim, melhor que tu a comuniqués publicamente.”

- *“O Profeta enviou-me para solicitar tua filha para mim em casamento.”*

- *“Ele próprio fez esta sugestão?”*

- *“Sim, eu não falo por mim. Todos me conhecem, eu não sou mentiroso.”*

- *“Estranho! Nós não damos nossas filhas em casamento a pessoas de uma outra posição social nem de fora de nossa tribo. Volte mais tarde, eu irei ter com o Profeta e conversar com ele.”*

Jowaibir deixou a casa murmurando:

- *“Por Deus! Tudo o que o Alcorão e a Profecia de Mohammad ensinam é inteiramente contrário ao que Ziad diz.”*

Aqueles que estavam próximos da casa ouviram os murmúrios de Jowaibir.

Zalfa, a graciosa filha de Zaid, e rainha da beleza de Medina, ouviu estas palavras de Jowaibir. Ela foi até seu pai e perguntou:

- *“Pai, o que é que aquele homem que acabou de sair daqui estava dizendo? E o que queria dizer com aquilo?”*

- *“Ele veio pedir a tua mão em casamento e alegava que o Profeta o tinha enviado com este propósito.”*

- *“Não é possível que ele tenha sido realmente enviado, e, portanto, tua rejeição tenha incorrido em desobediência à ordem do Profeta?”*

- *“O que sentes sobre isso?”*

- *“Sinto que deveria trazê-lo de volta antes que chegue ao Profeta e que vás descobrir a verdade tu mesmo.”*

Ele trouxe Jowaibir de volta a sua casa com o merecido respeito, e foi ele próprio até o Profeta. Quando o viu disse:

- *“Ó Mensageiro de Deus, Jowaibir veio a minha casa e trouxe uma mensagem tua. Eu gostaria de informar-te que nosso costume é dar nossas filhas em casamento a pessoas de status similar e pertencente a nossa tribo, que são todos nossos companheiros e colaboradores.”*

- *“Ó Ziad, Jowaibir é um homem fiel. Esta dignidade e honra que estás falando foi ab-rogada. Todo crente é igual (para o propósito de casamento) a toda crente.”*

Ziad retornou a sua casa e explicou a questão a sua filha. Ela disse:

- *“Por favor, não rejeite a proposta apresentada pelo Profeta. Este assunto é meu. Eu aceito Jowaibir qualquer que seja a sua condição. Se o Profeta estiver satisfeito, eu também estou.”*

A cerimônia de casamento foi devidamente realizada. Ziad pagou o “Mahr” (dote de casamento) de suas próprias posses e ofereceu bons artigos ao casal. Perguntaram ao noivo:

- *“Tu tens uma casa para onde levar a noiva?”*

Disse ele:

“Não, jamais tinha pensado que conseguiria uma esposa e que me estabeleceria na vida de casado. Foi o Profeta que de repente veio e conversou comigo enviando-me à casa de Ziad.”

Ziad arranhou para ele uma casa equipada com todos os pertences domésticos e transferiu a noiva para lá, ricamente adornada com enfeites e perfumes. A noite veio. Jowaibir não sabia onde era a casa designada para ele. Foi guiado até a casa e levado ao quarto nupcial. Quando ele viu a casa e seus pertences, e olhou para a exuberante noiva, o passado veio a sua mente. E então disse a si mesmo:

- *“Quão pobre eu era quando entrei nessa cidade. Eu nada tinha, nem dinheiro, nem beleza, tampouco linhagem ou família, agora Deus tornou estes benefícios disponíveis para mim por meio do Islam. Deveras, o Islam trouxe mudanças inimagináveis na sociedade. Quão grato sou a Deus por conceder-me todas estas bençãos!”*

Em êxtase espiritual Jowaibir foi para um canto do quarto; passou a noite recitando o Alcorão e em oração. Era de madrugada quando ele saiu (de seu êxtase) e resolveu jejuar em agradecimento a Deus. Quando as mulheres vieram ver Zalfa pela manhã a encontraram ainda intocada. Elas esconderam aquilo de Ziad. Duas noites e dois dias se passaram da mesma maneira. Jowaibir jejuava durante os dias e permanecia em prece às noites. As mulheres da família da noiva estavam preocupadas. Pensavam que talvez Jowaibir fosse impotente e não tivesse necessidade de uma mulher. Por fim, levaram o assunto à Ziad. Ele informou o Profeta (S.A.A.S.); o Profeta (S.A.A.S.) chamou Jowaibir e perguntou:

- *“Tu não tens desejo por mulher?”*
- *“Eventualmente, tenho um desejo ardente por esta espécie.”*
- *“Então por que não te aproximas de tua esposa?”*
- *“Ó Profeta de Deus, quando eu entrei na casa e me vi em meio àquela prosperidade. Um estado de gratidão e devoção me dominou. Achei necessário dar graças e realizar preces a Deus antes de qualquer coisa. Nesta noite eu me aproximei de minha esposa.”*

Jowaibir e Zalfa viveram uma vida muito feliz. Quando o chamado para o Jihad³ chegou, ele participou nele com o entusiasmo típico de um bravo muçulmano e alcançou o martírio sob o estandarte do Islam.

Após o seu martírio, Zalfa foi a mulher mais requisitada para casamento e seus pretendentes se dispuseram a pagar os mais valiosos dotes para ela.

3 – O Novo Convertido

Dois vizinhos, um muçulmano e um cristão, se davam muito bem. Tendo preocupação um pelo outro costumavam inquirir-se mutuamente sobre a saúde e trocavam pareceres periodicamente. O muçulmano sendo um homem devoto e religioso falava com exaltação de sua religião e o resultado foi que o amigo cristão abraçou o Islam.

A noite passava e estava se aproximando a aurora. O cristão, recém convertido, ouviu alguém batendo à sua porta. Surpreso e incomodado gritou:

- *“Quem está aí?”*

Do outro lado veio uma voz alta:

- *“Sou eu, fulano de tal.”* Se anunciando. Era o vizinho muçulmano que teve a honra de convertê-lo ao Islam.

- *“O que desejas tão tarde?”*

- *“Te apresses, vista-se e realize a ablução⁴, pois devemos ir à Mesquita juntos.”*

O novo muçulmano se abluíu pela primeira vez em sua vida e se pôs a caminho da Mesquita atrás de seu amigo muçulmano.

3. O significado literal é “Empenho”. Um empenho pela Causa de Deus.

4. Lavagem ritual.

Eles chegaram antes da hora da prece. Era o momento para a Oração recomendada (não-obrigatória) realizada logo após a meia-noite. Eles oraram até o romper da aurora, a hora da Prece Subh⁵. Eles a cumpriram e permaneceram empenhados em invocações e dhikrs⁶ até que o céu ficou inteiramente claro. Quando o novo muçulmano fez um movimento em direção à porta, seu amigo o interrompeu:

- “Onde estás indo?”

- “Vou para casa, já que cumpri minha prece da Aurora, não há nada mais a fazer.”

- “Espera um pouco e recite as invocações até o sol se elevar.”

- “Muito bem.”

Ele se sentou e recitou até que o sol se elevasse. Quando isso aconteceu, seu amigo colocou o Alcorão em sua mão dizendo:

- “Leia-o até que o sol se eleve um pouco mais. Eu te aconselho a jejuares hoje. Não sabes quantas virtudes e recompensas se encontram no jejum?”

O novo muçulmano fez como lhe foi dito e continuou recitando o Alcorão até a proximidade do meio do dia.

O vizinho muçulmano disse:

- “Agora é quase meio-dia; é melhor realizarmos a prece Dzhur⁷ na Mesquita.”

Assim, a prece Dzhur foi realizada.

Então ele disse novamente:

5. Oração da manhã que deverá ser praticada entre a alvorada e no nascer do sol, a qual é formada de duas genuflexões.

6. Invocação religiosa, lembrança de Deus.

7. Oração do Meio-dia que deverá ser praticada entre o meio dia e antes do por do sol, a qual é formada de quatro genuflexões.

- “Dentro em pouco a prece Asr⁸ será realizada. Devemos, também, fazê-la em seu tempo apropriado.”

A oração foi realizada. Em seguida, ele disse:

- “Já está quase anoitecendo” e deteve o novo convertido até a hora da prece Maghrib⁹.

Quando ele se ergueu para quebrar o jejum, o vizinho disse:

- “Há mais uma prece ainda. Se chama I’sha¹⁰ ou prece da Noite.

Assim, esperaram por volta de uma hora para o cumprimento da prece em seu tempo apropriado. Depois disso o novo muçulmano se levantou e foi embora.

No dia seguinte à mesma hora da noite ele ouviu batidas na porta.

- “Quem está aí?”

- “Sou eu, seu vizinho. Te apresses, vista-te e faça a tua ablução para irmos à Mesquita.”

- “Logo que voltei da Mesquita na noite passada, eu abandonei a tua religião. Por favor, vá embora e encontre outra pessoa desocupada que não tenha nada para fazer neste mundo e que possa passar o tempo inteiro na Mesquita. Sou um homem pobre que tem esposa e filhos para alimentar. Prefiro seguir para meu trabalho a fim de conseguir meu sustento.”

Imam Jafar Assadeq¹¹ (A.S.) relatando a estória para seus amigos e companheiros, disse: “Desta maneira um homem devoto, depois

8. Oração da Tarde que deverá ser praticada entre o meio dia e antes do por do sol, a qual é formada de quatro genuflexões. A mesma deverá ser realizada após a oração do meio dia.

9. Oração do Crepúsculo que deverá ser praticada entre o por do sol e antes da meia noite, a qual é formada de três genuflexões.

10. Oração do Anoitecer que deverá ser praticada pos a oração do Crepúsculo, a qual é formada de quatro genuflexões.

11. 6º Imam dos Ahlul Bait (A.S.). Para saber mais consulte o segundo volume da coleção “Da Orientação do Islam”, “O Mensageiro do Islam e os Ahlul Bait”.

de ter convertido um novo muçulmano, o afugentou do Islam. Vocês devem ter isto em mente e não devem aborrecer as pessoas desnecessariamente. Devem avaliar a força e a capacidade delas e agir de acordo com isto, de modo que elas desenvolvam afinidade com a religião e não fujam dela. Saibam que a política dos Omíadas se baseia na violência, na opressão e na intimidação ao passo que nossos métodos e se baseiam na tolerância, na fraternidade e na persuasão.”

4 - Nasiba

A cicatriz profunda no ombro de Nasiba, filha de Kaab, denotava um ferimento maior no passado. Sempre que as mulheres, especialmente as jovens, que não tinham vivido na época do Profeta (S.A.A.S.) notavam a cavidade em seu ombro, perguntavam com extrema curiosidade sobre o atroz incidente que tinha resultado em seu ferimento no ombro. Elas gostavam de ouvir suas aventuras na batalha de Uhud de sua própria boca.

Ela nunca tinha imaginado que lutaria ombro a ombro com seu marido e dois filhos defendendo o Profeta (S.A.A.S.) na batalha de Uhud. Nasiba tinha como tarefa carregar o recipiente de água, de maneira que provia de água os feridos e também levava consigo algumas bandagens caseiras para fazer os curativos. Ela não tinha se imaginado digna de qualquer outro feito naquele dia.

Muito embora os muçulmanos fossem poucos e tivessem um suprimento bem limitado de armamentos, impuseram uma grande derrota ao inimigo que bateu em retirada abandonando o campo de batalha. Porém, logo depois, devido à negligência de alguns homens que guardavam as colinas Ainain, os inimigos fizeram um ataque surpresa a partir da retaguarda, transformando a vitória dos muçulmanos em derrota. Os muçulmanos próximos ao Profeta (S.A.A.S.) fugiram, deixando-o quase sozinho no campo de batalha.

Quando Nasiba viu esta situação difícil, pôs o recipiente de água no chão e pegou uma espada. Empunhando-a lutou, fez bom uso do arco e flechas e, também, pegou um escudo abandonado por um combatente que havia fugido. Quando ouviu um homem gritando: “*Onde está Mohammad?*” Ela se aproximou e desferiu-lhe alguns golpes; mas ele estava com uma armadura dupla e seus ataques não tiveram muito efeito. Ele então desferiu um golpe tão pesado no ombro da mulher desprovida de armadura que o ferimento exigiu tratamento por um ano. Percebendo o sangue jorrando de seu braço, o Profeta (S.A.A.S.) chamou um de seus filhos para que imediatamente fizesse um curativo em seu ferimento. Ele colocou uma bandagem em seu ombro e Nasiba outra vez se ocupou com a batalha.

Enquanto isso, um de seus filhos foi ferido. Ela arrancou um pedaço da bandagem e a pôs no ferimento do seu filho. O Profeta (S.A.A.S.) observando a cena sorriu com o heroísmo daquela mulher. Depois de fazer o curativo em seu filho ela o instruiu a voltar a se empenhar na batalha. Essas palavras ainda estavam em sua boca quando o Profeta (S.A.A.S.) apontou um homem dizendo que ele era aquele que havia ferido seu filho. Ela o atacou como uma leoa e golpeou sua perna com a espada. O homem tombou. O profeta disse: “*Bem, tivestes tua vingança. Louvado seja Deus, que te deu a vitória sobre ele e deu frescor a teus olhos.*”

Muitos muçulmanos foram martirizados e feridos, ela própria foi seriamente ferida e não tinha esperança de viver. Depois da batalha, conhecida como Uhud, o Profeta (S.A.A.S.) ordenou aos muçulmanos feridos que seguissem o inimigo até Hamra ul-Asad para se certificar de sua intenção e condição. Nasiba também quis acompanhá-los, porém os graves ferimentos não permitiram que ela assim o fizesse. Ao retornar de Hamra ul-Asad, antes de chegar a sua casa, o Profeta (S.A.A.S.) enviou uma pessoa para informar-se sobre sua saúde e ficou muito contente ao saber que ela estava viva.

5 – A Queixa contra o Marido

Durante seu califado Ali (A.S.) costumava ouvir pessoalmente as queixas e reclamações do povo. Numa ocasião, os dias estavam muito quentes e ninguém se aventurava a sair de casa depois do meio do dia. Ali (A.S.) se sentava todo dia fora de sua casa sob a sombra de um muro de maneira que se alguém tivesse quaisquer queixas, pudesse apresentá-las diretamente. Algumas vezes, ele caminhava nas ruas e travessas observando a condição geral do povo.

Um dia retornava à sua residência, exausto e suado, e encontrou uma mulher o esperando. Ao vê-lo, ela se aproximou e disse:

- *“Eu me encontro em dificuldades. Meu marido me maltrata. Ele me expulsou de casa e ameaçou espancar-me. Se eu for até ele, me espancará. Peço a ti para que faças justiça entre nós”.*

- *“Ó serva de Deus, está demasiado quente agora. Espere até que refresque com a tarde. Então eu irei contigo e repararei tuas queixas”.*

- *“Se eu ficar fora muito tempo, temo que sua ira possa aumentar”.*

Por um momento ele abaixou sua cabeça e em seguida ergueu-a dizendo para si mesmo: *“Não, por Deus, a justiça para o oprimido não deve ser adiada. O direito do oprimido certamente deve ser subtraído do opressor; e todo medo deve ser tirado do coração dela para que possa se por corajosamente diante do opressor e exigir seu direito”.*

- *“Diga-me onde é tua casa?”*

- *“É em tal e tal lugar...”*

- *“Vamos até lá...”*

Ele acompanhou-a até sua casa, parou de pé diante da porta e chamou alto: *“Ó dono da casa! As’salamu Alaikum”.*

Um jovem saiu. Era o marido daquela mulher. Ele não reconheceu Ali (A.S.). Achou que um senhor de idade por volta de sessenta anos

estava a acompanhando e supôs que ela o tinha trazido para ajudar na mediação; mas se manteve em silêncio.

- *“Esta senhora tem uma queixa contra ti. Diz que tu tens maltratado-a e a expulsaste do lar. Além disso, ameaçou-a de espancá-la. Vim aqui para te dizer que tema a Deus e seja bondoso com tua esposa”.*

- *“Em que te diz respeito se eu não tratei bem minha esposa? Sim, eu a ameacei de espancá-la, mas agora, já que ela te trouxe para interceder por ela, eu a lançarei no fogo e a queimarei viva”.*

Ali (A.S.) ficou nervoso com a insolência do homem. Sacando sua espada disse:

- *“Eu apenas te aconselhei para que agisses com bondade, admoestando-te quanto às más ações; porém, me respondes desta maneira, claramente falando em queimar esta mulher no fogo. Pensas que não há autoridade neste mundo?”*

Seu tom de voz alto chamou a atenção dos transeuntes e uma multidão se juntou. Todas as pessoas vinham e prestavam reverência ante o senhor de idade e o saudavam dizendo: *“A paz sobre ti, ó Emir dos Fiéis”.*

Quando o jovem rude percebeu com quem estava falando, ele tremeu e suplicou:

- *“Ó Príncipe dos Fiéis! Perdoa-me! Eu confesso meus erros e prometo que doravante serei bondoso com minha esposa”.*

Ali (A.S.) se voltou para a mulher e disse para ela entrar na casa, e a preveniu para que se comportasse de maneira que seu esposo não se irritasse com ela outra vez.

6 – O Filho de Hatim

Antes do advento do Islam, existiam na Arábia chefes tribais autônomos. As pessoas estavam acostumadas ao governo de seus chefes e os obedeciam; e pagavam tributos e taxas a eles com frequência. O conhecido e generoso Hatim, da tribo de Tai, era um dos chefes tribais da Arábia. Seu filho, Adi, sucedeu-o após sua morte e a tribo acatou o seu governo. Ele cobrava deles uma taxa de um quarto de seus lucros anuais.

Seu governo coincidiu com o advento do Profeta (S.A.A.S.). As tribos de Tai eram idólatras, porém, ele era cristão, entretanto, mantinha sua crença em segredo. O povo, depois de conhecer os ensinamentos libertários do Islam, sentiu-se liberto do fardo dos seus senhores que tinham até aquele momento imposto seu regime sobre eles.

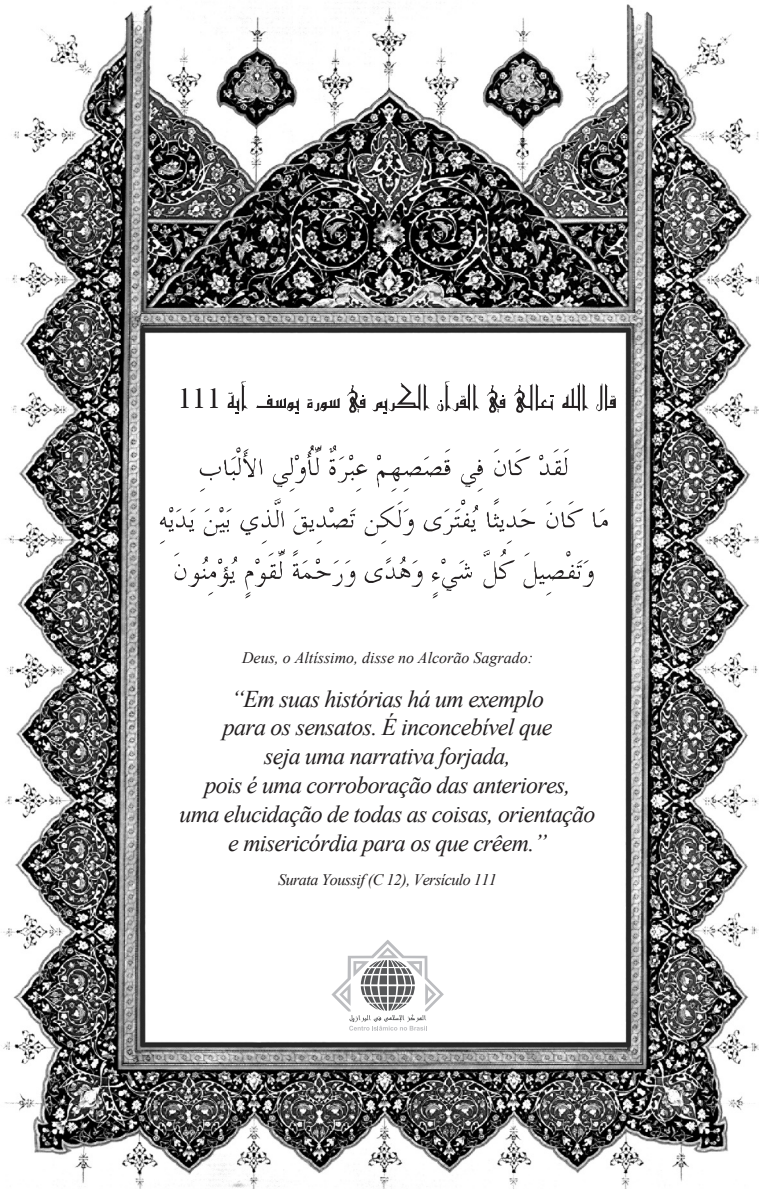
Devido a este fato, Adi, como outros senhores, consideravam o Islam como um grande perigo para sua pessoa, e nutria inimizade para com o Profeta (S.A.A.S.). Mas os dados estavam lançados, as pessoas estavam abraçando o Islam em largo número e a religião de Deus estava progredindo dia após dia. Ele sabia que estava próximo o dia que os muçulmanos viriam procurá-lo, e também, de que isso seria o fim de sua liderança. Portanto, instruiu seu criado especial para sempre manter camelos rápidos e bem alimentados prontos e perto de seu acampamento, e que permanecesse atento.

Um dia o escravo veio até ele e disse:

- *“Cuida de todos os preparativos que quiseres, pois os muçulmanos estão muito perto daqui”.*

Adi montou seus familiares nos camelos, pegou tudo que fosse útil, a bagagem que podia levar, e fugiu para Damasco onde o povo era de sua religião. Mas na confusão, esqueceu de levar sua irmã Saffana com ele.

Os muçulmanos derrotaram a tribo na batalha e alguns habitantes foram feitos cativos. Os muçulmanos trouxeram Saffana para Medina junto com os prisioneiros e relataram a história da fuga de Adi ao Profeta (S.A.A.S.).



Os prisioneiros foram abrigados num recinto de muros baixos próximo à Mesquita. Um dia, o Profeta (S.A.A.S.), quando estava a caminho da Mesquita, passou junto àquele local. Saffana, inteligente e loquaz como era, saiu de seu lugar e disse:

- *“Meu pai está morto; meu guardião está escondido; seja generoso comigo, Deus será generoso contigo”.*

- *“Quem é o teu guardião?”*

- *“Adi, filho de Hatim”.*

- *“Aquele que fugiu de Deus e de seu Profeta?”*

Dizendo estas palavras o Profeta (S.A.A.S.) se foi. No dia seguinte ela repetiu o mesmo e ouviu a mesma resposta. Seu apelo não teve resultado algum. No terceiro dia, tendo perdido a esperança, ela decidiu ficar em silêncio. Porém, um jovem caminhando atrás do Profeta fez sinais para ela repetir seu pedido. Ela repetiu as mesmas palavras e o Profeta (S.A.A.S.) disse:

- *“Muito bem, eu estou esperando por algum homem confiável de tua tribo. Logo que tal homem seja encontrado eu o enviarei contigo para tua tribo. Informa-me, se souberes, se se encontra tal pessoa em Medina”.*

Ela perguntou às pessoas quem era o jovem que caminhava atrás do Profeta (S.A.A.S.) que a tinha encorajado a repetir sua solicitação. Disseram-lhe que ele era Ali (A.S.).

Depois de algum tempo Saffana informou ao Profeta (S.A.A.S.) que alguns homens de sua tribo tinham chegado a Medina. O Profeta (S.A.A.S.) deu a ela um novo vestido, algum dinheiro para cobrir as despesas da viagem e um camelo por montaria. Dessa forma, Saffana acompanhou-os até a Síria, onde estava seu irmão.

Quando viu seu irmão, ela o repreendeu e disse:

- *“Levaste tua esposa e filhos e abandonaste a mim, a memória de teu pai!”*

Adi pediu desculpas a ela. Em seguida, como era uma mulher inteligente, Adi consultou-a sobre seu plano. E perguntou:

- *“O que tu me aconselhas a fazer, já que viste Mohammad de perto? Devo aliar-me ou manter-me indiferente a ele?”*

- *“Acredito que debes te aliar a ele. Se ele for um Profeta de Deus será um acréscimo para tua honra e nobreza. E se não for, e somente desejar ser um governante do mundo, então num lugar (Medina) que não é longe do Yemen (teu lugar), ninguém ousará te desonrar, em virtude da honra e respeito que tens entre os povos do Yemen. De um modo ou de outro tua honra estará assegurada”.*

A idéia agradou a Adi. Ele decidiu ir a Medina e observar minuciosamente o proceder do Profeta (S.A.A.S.). Se ele fosse um profeta, Adi o seguiria como os outros. Porém, caso fosse apenas um homem com ambições mundanas de poder e apropriação dos bens, cooperaria com ele até o ponto que isso acarretasse benefícios para ambos.

Adi entrou na Mesquita de Medina e saudou o Profeta (S.A.A.S.), o Profeta deu a ele o devido respeito e levou-o para sua casa. No caminho, uma anciã agarrou a veste do Profeta (S.A.A.S.) e começou a discutir com ele. Um longo tempo se passou; o Profeta (S.A.A.S.) respondeu a todas as questões com bondade e paciência.

Adi disse consigo mesmo: *“Este é um sinal do caráter deste homem e de um Profeta. As pessoas que possuem ambições mundanas não têm esta disposição e temperamento para responder a uma mulher idosa e pobre com tanta paciência e bondade”.*

Quando eles entraram na casa, Adi percebeu que a vida do Profeta (S.A.A.S.) era a mais simples e desprezível possível. Havia apenas um cobertor que o Profeta (S.A.A.S.) usava para sentar e que ele desdobrou para Adi se sentar. Adi insistiu que o Profeta se sentasse no cobertor, mas ele se recusou terminantemente. Por fim, Adi se sentou no cobertor e o Profeta (S.A.A.S.) se sentou no chão. Adi pensou: *“Este é um segundo indício do caráter deste homem, este é o caráter dos Profetas, não dos Reis”.*

O Profeta (S.A.A.S.) se dirigindo a ele disse:

- *“Então, não é o cristianismo a tua religião?”*

Adi disse: “*Sim, por quê?*”

- “*Então, por que e com base em que estavas cobrando um quarto dos rendimentos de teu povo? Isso é admissível em tua religião?*”

Adi, que tinha mantido em segredo sua religião, mesmo dos parentes mais próximos, ficou surpreso ao ouvir aquilo do Profeta (S.A.A.S.). Disse consigo: “*Este é mais um sinal de que este homem é um Profeta*”.

Então, o Profeta (S.A.A.S.) disse: “*Vês a atual pobreza e falta de recursos dos muçulmanos e pensas, pois, que os muçulmanos hoje estão vivendo na miséria. Se encontram rodeados de hordas de inimigos e não têm qualquer segurança quanto às suas vidas e propriedade, e não têm nenhum poder em suas mãos. Por Deus, o tempo não está longe quando uma riqueza tão abundante virá para eles que não existirá sequer um que seja pobre. Por Deus, seus inimigos serão derrotados e existirá uma paz e uma ordem tão perfeita que uma mulher poderá viajar do Iraque ao Hijáz sozinha e ninguém a molestará. Por Deus, o tempo está próximo em que os palácios brancos da Babilônia estarão nas mãos dos muçulmanos*”.

Adi abraçou o Islam com uma fé perfeita e com sinceridade, e permaneceu fiel até o fim de sua vida. Viveu nos anos subseqüentes à partida do Santo Profeta (S.A.A.S.). Ele sempre se lembrava do que o Profeta lhe disse naquele primeiro encontro e das previsões sobre o futuro dos muçulmanos.

Ele costumava dizer: “*Por Deus, durante minha vida eu vi os muçulmanos conquistando os palácios brancos da Babilônia, e se estabeleceu uma paz e ordem a ponto de uma mulher poder viajar do Iraque ao Hijáz sem que ninguém a moleste. Por Deus, estou certo de que virá um dia em que não haverá nenhum pobre entre os muçulmanos*”.

7 – Ibn Sayyaba

Ibn Sayyaba, um morador de Cufa, era um jovem cujo pai tinha falecido. A tragédia da morte de seu pai, junto com a pobreza e o desemprego, estava destruindo a alma de um homem sensível. Um dia, estando sentado em sua casa, ele ouviu uma batida na porta. Era um amigo de seu pai. Depois de oferecer suas condolências, disse:

- “*Teu pai te deixou alguma coisa?*”

- “*Não*”.

- “*Então, toma estes mil dirhams¹²; tente transformá-lo em capital, e cubra tuas despesas com seu lucro*”.

Dizendo estas palavras ele foi embora. Ibn Sayyaba, feliz, foi até sua mãe e mostrando o dinheiro contou a ela a história. No mesmo dia, usou o dinheiro na compra de algumas mercadorias e abriu uma loja, e passou a dedicar esforço nela. Ele fez um rápido progresso. Logo depois percebeu que não apenas tinha coberto suas despesas domésticas com o lucro, como também tinha ampliado o capital em grande monta. Então, pensou em realizar a peregrinação, e recorreu ao conselho de sua mãe. Ela disse: “*Deves primeiro devolver a quantia que trouxe esta prosperidade a nós, e então tu podes ir a Mecca¹³*”.

Ele foi visitar o amigo de seu pai, e colocando uma bolsa com mil dirhams diante dele, disse: “*Por favor, aceita teu dinheiro de volta*”. O homem pensou que Ibn Sayyaba estava devolvendo o dinheiro por ter sido insuficiente para qualquer negócio. Assim, ele disse:

- “*Se a quantia é insuficiente eu posso aumentá-la*”.

- “*Por Deus! Ela não foi insuficiente, trouxe-me grande prosperidade e já que agora estou financeiramente muito bem, devolvo o teu capital, e expresso meu agradecimento a ti agora que decidi sair em Peregrinação*”.

12. Unidade monetária da época.

13. Cidade sagrada onde o Profeta Mohammad (S.A.A.S.) nasceu e onde se encontra a Kába, a casa onde os muçulmanos praticam a peregrinação (Hajj).

Ibn Sayyaba chegou em casa e arrumou sua bagagem para a peregrinação a Mecca. Depois de realizar o sagrado Hajj, chegou em Medina e foi visitar o Imam Jafar Assadeq (A.S.) junto com outros peregrinos. Havia uma grande multidão na casa do Imam. Sendo jovem ele preferiu se sentar bem longe, no fim da aglomeração, e dali observava as pessoas indo e vindo; e ouvia suas questões e as respostas dadas pelo Imam (A.S.). Quando a casa ficou quase vazia, o Imam (A.S.) apontou para ele e perguntou:

- *“O que posso fazer por ti?”*
- *“Eu sou Abdur Rahman, filho de Sayyaba, de Cufa, da tribo de Bijilly”.*
- *“Como está teu pai?”*
- *“Ele faleceu”.*
- *“Ó, que Deus tenha misericórdia dele. Ele te deixou alguma coisa?”*
- *“Não”.*
- *“Então como pudeste realizar a Peregrinação?”*
- *“Depois da morte de meu pai ficamos em dificuldade. Por um lado a sua morte e por outro a pobreza e a falta de emprego, nos oprimiam extremamente. Então, um dia um amigo de meu pai deu-me mil dirhams e aconselhou-me investir a quantia em algum negócio. Eu segui seu conselho e com o que lucrei pude realizar o Hajj”.*

Antes que terminasse a história, o Imam (A.S.) perguntou:

- *“Conta-me o que fizeste sobre o dinheiro do amigo de teu pai?”*
- *“Eu reembolsei a quantia seguindo o conselho de minha mãe, antes de sair em Peregrinação”.*
- *“Muito bem. Gostarias que eu te desse um conselho?”*
- *“Naturalmente, que eu seja um resgate para ti”.*
- *“Sê fiel e justo. Um homem fiel e justo é um parceiro da riqueza dos outros”.*

8 – Aqil como hóspede de Ali (A.S.)

Aqil chegou e foi recebido como hóspede na Casa de Governo nos dias do Califado de seu irmão, Ali (A.S.). Ali (A.S.) fez um sinal a seu filho mais velho Hassan (A.S.)¹⁴ para que fornecesse uma veste a seu tio. Hassan (A.S.) trouxe para ele uma túnica e um manto. A noite chegou e o tempo estava quente. Eles estavam sentados na laje da casa conversando amigavelmente, passado certo tempo chegou a hora do jantar. Aqil considerando-se hóspede do Governante Absoluto dos muçulmanos esperava um jantar farto e variado. Mas para sua surpresa havia uma refeição simples e comum.

Perguntou ele: *“Esta é toda a comida?”*

Ali disse: *“Não é uma dádiva de Deus? Agradeço profundamente a Deus, o Poderoso, que agraciou-me com esta dádiva”.*

Aqil disse: *“Então acho melhor contar-te de uma vez as minhas necessidades e tomar o meu caminho. Eu estou com dívidas, por favor, ordene a quitação delas assim que possível, e também ajude teu irmão pobre o quanto puder, de modo que eu volte para meu lar liberto de meus fardos”.*

- *“De quanto é a tua dívida?”*

- *“Cem mil”.*

- *“Ó! Cem mil dirhams! Tanto assim? Desculpe irmão. Eu não tenho tanto dinheiro; mas aguarde até o tempo do pagamento dos estipêndios públicos. Eu retirarei de meus vencimentos pessoais e darei a ti, assim cumprindo meu dever de cooperação e fraternidade para contigo. Se minha família e meus filhos não estivessem necessitando, eu daria a ti todos os meus vencimentos”.*

14. 2º Imam dos Ahlul Bait (A.S.). Para saber mais consulte o segundo volume da coleção “Da Orientação do Islam”, “O Mensageiro do Islam e os Ahlul Bait”.

- *“O que? Devo esperar até o pagamento dos estípedios? Tu tens o tesouro público em tua mão e me pedes para esperar até o pagamento e somente então me darás de tua parcela pessoal? Tu podes retirar qualquer quantia que quiseres do Tesouro Público! Então, por que me fará esperar? Além disso, qual é a tua parcela total? Mesmo se me deres tua parcela inteira, até que ponto isso me libertará de minha dificuldade?”*

- *“Estou surpreso de ouvir a tua proposta. O que concerne a mim ou a ti se há ou não dinheiro no Tesouro Público? Somos exatamente iguais a qualquer outro muçulmano. Na verdade, tu és meu irmão e eu devo ajudar-te tanto quanto seja possível, mas de meu próprio dinheiro, não do Tesouro Público”.*

A discussão continuou e Aqil apelou a Ali (A.S.) de vários meios, insistindo que Ali (A.S.) devesse ajudá-lo com o dinheiro do Tesouro Público. Do lugar onde estavam sentados se podia ver o mercado de Cufa, e também os cofres dos comerciantes. Ali (A.S.) disse:

- *“Se ainda insistes e não me dá ouvidos, então tenho uma outra proposta para ti. Se aceitá-la poderás reembolsar todos os empréstimos e terás ainda bastante dinheiro de sobra”.*

- *“O que é?”*

- *“Lá embaixo estão os cofres. Logo que se fechar o mercado e todos se forem, desça e arrombe os cofres. E pega tudo o que quiseres”.*

- *“De quem são os cofres?”*

- *“Pertencem às pessoas do mercado. Elas guardam seu dinheiro neles”.*

- *“Estranho! Estás me dizendo para roubar o dinheiro de gente pobre que o ganhou com trabalho árduo e que foi para casa deixando-o ali confiando em Deus?”*

- *“Por que, então, estás me constrangendo a abrir os cofres do Tesouro do Estado para ti? A quem ele pertence? Também pertence ao mesmo povo que está dormindo em suas casas, despreocupado e confiante em Deus. Pois bem, tenho uma outra sugestão. Segue se desejares”.*

- *“O que é?”*

- *“Se estás pronto então pega a tua espada e me acompanhes. A velha cidade de Hirah não é longe daqui. Existem mercadores prósperos e pessoas ricas lá. Faremos um ataque de surpresa durante a noite e traremos uma imensa riqueza conosco”.*

- *“Irmão, eu não vim aqui para roubar, não vim aqui para fazer estas coisas que está me sugerindo a fazer. Eu só estou te pedindo que instrua os seus oficiais a me dar o dinheiro que está sob sua responsabilidade geral, e dessa forma eu possa pagar minha dívida”.*

- *“Vamos supor que roubemos a propriedade de um indivíduo qualquer. Isso seria melhor do que roubar da propriedade de milhões de muçulmanos? Como podes achar que tomar a propriedade de um indivíduo com a espada seja roubo e usurpar a propriedade do povo não ser? Você tem a falsa percepção de que roubar é apenas atacar uma pessoa e tirar o que ela tem pela força. O pior tipo de roubo, porém, é este que você me propõe a realizar”.*

9 – A Primeira Palavra de Ordem

As variadas notícias sobre Mecca que chegavam até a tribo de Bani Ghefar chamaram a atenção de Abu Dhar, um homem de natureza bastante questionadora e investigativa. Ele queria saber tudo sobre os acontecimentos de Mecca, mas as notícias distorcidas obtidas de variados indivíduos não lhe estavam fazendo muito sentido. A única coisa que lhe parecia ser certa era que uma nova voz se fazia ouvir em Mecca e os habitantes de lá batalhavam duro para tentar calá-la. Mas o que era essa nova voz, e por que os habitantes de Mecca a combatiam? Essas eram questões que permaneciam sem resposta. Seu irmão, que estava indo para Mecca, disse a ele:

- *“As pessoas me dizem que apareceu um homem em Mecca que apresenta assuntos novos e que clama que tais temas foram revelados a ele por Deus. Uma vez que você está indo para lá, investigue sobre isto para mim e me traga informações corretas”.*

Os dias se passaram, e ele esperava ansioso por seu irmão. Quando ele retornou, Abu Dhar lhe perguntou:

- *“Quais são as novidades? Como estão as coisas lá?”*

- *“Até onde eu pude me certificar ele é um homem que conclama as pessoas para os bons costumes. Tem também dito algumas coisas que não são poesia”.*

- *“Eu queria que fizesses uma investigação mais completa. Estas informações não são suficientes para mim. Melhor seria se eu fosse pessoalmente até lá para descobrir a verdade”.*

Carregando algumas provisões ele seguiu rumo a Mecca. Estava determinado a encontrar o homem que proferia aquelas idéias novas e ouvir suas palavras de sua própria boca. Contudo, ele não o conhecia e nem achava prudente inquirir a outros sobre aquele homem. A atmosfera de Mecca estava tensa com a opressão e a intimidação. Sem revelar sua intenção a ninguém, ele o buscava em todas as direções, ouvindo os rumores das pessoas a seu redor com a esperança que pudessem lhe fornecer alguma indicação segura.

O *Masjidul Haram*¹⁵ era o centro das notícias e dos acontecimentos. Portanto, foi até lá carregando sua bagagem. A noite já avançara um pouco; ele se deitou por ali. Logo em seguida um jovem passou perto de onde estava. O jovem olhou para Abu Dhar com um olhar interrogativo e foi embora. Seu olhar pareceu-lhe bastante significativo. Ocorreu-lhe que talvez aquele jovem fosse a pessoa certa para divulgar seu segredo. Ele o seguiu mas voltou sem se atrever a falar com o rapaz.

No dia seguinte ele também ficou o tempo todo sentado no *Masjidul Haram*, em alerta, procurando por qualquer indicação possível, mas foi em vão. A noite caiu e novamente se deitou no mesmo lugar. O mesmo jovem surgiu e respeitosamente disse: *“Não chegou a hora de tu ires a nossa casa e passar a noite lá?”* Dizendo isto, o jovem o levou para sua casa.

15. Onde se encontra a Kába, na cidade de Mecca, Arábia Saudita.

Abu Dhar não revelou seu segredo naquela noite, nem o jovem o questionou. De manhã cedo Abu Dhar se despediu e foi para a Mesquita em busca do seu objetivo. Aquele dia também passou e a noite veio e ele não pôde descobrir nada a partir das conversas do povo. O jovem surgiu de novo e levou-o para sua casa, porém, dessa vez ele quebrou seu silêncio:

- *“Podes me dizer por que vieste para esta cidade?”*

- *“Eu direi a ti se prometeres me auxiliar”.*

- *“Prometo que farei o possível para auxiliá-lo”.*

- *“Temos ouvido entre nossas tribos que um homem surgiu em Mecca e tem apresentado algumas mensagens reivindicando que as mesmas são reveladas a ele por Deus. Eu vim para que pudesse vê-lo e investigar sobre ele. Primeiramente, diga-me o que acreditas sobre ele? Segundo, podes me guiar até este homem?”*

- *“Tenhas a certeza que ele tem razão e que o que ele diz provém de Deus. Eu te levarei até ele pela manhã. Porém, fique ciente que se algumas pessoas souberem disso tua vida e a minha estarão em perigo”.*

- *“Amanhã de manhã eu caminharei à frente e tu me seguirás à distância. Se eu perceber algum perigo pararei e me inclinarei em direção ao chão como alguém que está esvaziando um pote; então deverás ir embora. Se não houver nenhum perigo siga-me para qualquer lugar que eu for”.*

Na manhã seguinte o jovem, que não era outro senão Ali (A.S.), saiu de sua casa e Abu Dhar o seguia. Felizmente o caminho estava livre e eles chegaram à casa do Profeta em segurança.

Abu Dhar fez uma análise cuidadosa do modo de agir do Profeta (S.A.A.S.) e também prestou atenção aos versículos do Alcorão. Não passou muito tempo e ele veio a abraçar o Islam com muito entusiasmo. Ele firmou um pacto de honra com o Profeta (S.A.A.S.) de que não daria ouvido a qualquer reprovação na senda de Deus durante toda sua vida e que falaria a verdade mesmo se isso pudesse desagradar às pessoas.

10 – A Proibição da Água

O Profeta disse: *“Agora volte para tua tribo e convide-os ao Islam até que receba uma segunda ordem”*.

Ele disse: *“Tudo bem; porém, antes de deixar esta cidade eu irei diante deste povo e anunciarei o Islam, aconteça o que acontecer”*.

Abu Dhar foi direto para o centro da cidade, a Mesquita, e proclamou diante da congregação de Coraich¹⁶: *“Eu testemunho que não há outro Deus senão Deus e que Mohammad é seu servo e Mensageiro”*.

Ao ouvirem este testemunho da parte de um estrangeiro, os mequenses se lançaram imediatamente sobre ele, e se Abbas, filho de Abu Muttalib, não tivesse vindo em seu socorro eles o teriam matado. Abbas disse: *“Este homem é da tribo de Ghifar, e a caravana comercial de Coraich que faz seu trajeto entre Mecca e a Síria passa pelas terras deles. Não avaliais que se matardes um de seus homens, nunca mais vos será permitido atravessar a terra deles em segurança?”*

Abu Dhar foi resgatado das mãos dos mequenses. Contudo, ele não estava satisfeito e disse: *“Novamente testemunharei a fé. Que estas pessoas ouçam o que não gostam de ouvir. Se ouvirem isso, repetidamente, se habituarão a isso”*.

Assim, no dia seguinte, ele repetiu o mesmo testemunho e o povo o atacou, e Abbas, que estava presente, o salvou da ira popular, novamente. Depois disso, de acordo com a ordem do Profeta (S.A.A.S.), ele voltou para casa e começou a pregar o Islam entre sua tribo.

Quando o Profeta (S.A.A.S.) migrou para Medina, Abu Dhar foi também e permaneceu lá quase até o fim de sua vida. Ele era extremamente sincero e devido a seus virtuosos atributos foi exilado durante o califado de Othman, primeiro para a Síria e depois para um lugar chamado Rabza, próximo de Medina. Ali ele morreu solitário.

O Profeta (S.A.A.S.) certa vez disse sobre ele: *“Que Deus abençoe Abu Dhar! Ele viverá sozinho, morrerá sozinho e será ressuscitado sozinho no Dia do Juízo”*.

16. A tribo da qual o Profeta Mohammad (S.A.A.S.) e os sucessores se originaram.

Moawiya controlava a Síria como seu governador por quase dezesseis anos; e secretamente planejava tomar o Califado tentando se aproveitar de qualquer oportunidade que surgisse. A melhor desculpa para declarar oposição a Ali (A.S.) foi o assassinato de Othman. Ele nada tinha feito com respeito aos apelos de ajuda de Othman quando este ainda estava vivo. Na realidade, Moawiya estava apenas aguardando que ele fosse assassinado, de modo que pudesse fazer disso uma desculpa para seu plano. Othman foi assassinado e Moawiya prontamente se pôs a explorar a situação para seu propósito pessoal.

Por outro lado, após o assassinato de Othman as pessoas recorreram a Ali (A.S.) que, por várias razões, estava relutante em aceitar a responsabilidade do Califado, e declararam sua fidelidade a ele. Percebendo que a responsabilidade era agora formalmente dirigida a ele, Ali (A.S.) aceitou-a e seu Califado foi proclamado em Medina, a capital e centro do mundo islâmico naquele tempo. Todas as províncias do Governo Islâmico submeteram-se a ele, com exceção da Síria, que estava sob o domínio de Moawiya. Este recusou jurar fidelidade a Ali (A.S.), acusando-o de abrigar os assassinos de Othman. Ele recrutou um grande número de soldados sírios e começou a fazer preparativos para a declaração de independência de suas províncias.

Depois de resolver a questão da batalha do Camelo, Ali (A.S.) voltou sua atenção à Moawiya. Ele escreveu várias cartas para Moawiya, mas em vão. Ambos os lados moviam seus exércitos um contra o outro. Abu Aawar Salmi estava liderando o batalhão avançado de Moawiya e Malik Ashtar comandava o batalhão avançado de Ali (A.S.). Eles se encontraram na margem do Rio Eufrates. A ordem de Ali (A.S.) para Malik foi para que não fosse o primeiro a atacar. Porém, Abul Aawar fez um duro ataque para intimidar os soldados de Ali (A.S.). Malik foi então forçado a recuar suas tropas. Salmi em seguida pensou numa outra tática. Ele alcançou o Ghat, o declive na margem do Eufrates que era apenas um ponto conveniente para se pegar água. Salmi posicionou seus lanceiros e arqueiros para guardarem o ponto e impedirem Malik e

sua companhia de se aproximarem dali. Logo depois, Moawiya chegou com um grande exército. Feliz com a estratégia de seu comandante ele reforçou a posição com mais soldados impedindo a aproximação do rio. Os soldados de Ali (A.S.) estavam em dificuldade devido à falta de água. Moawiya com prazer disse: *“Esta é nossa primeira vitória”*. Apenas um homem, Amr Bin Al A’as, o astuto ministro de Moawiya, não achou aquela uma boa estratégia.

Por outro lado, o próprio Ali (A.S.) tinha chegado e fora informado da situação. Ele enviou uma carta com Saasà à Moawiya notificando-o:

“Chegamos aqui, porém, até onde for possível não desejamos deflagrar uma guerra fratricida entre os muçulmanos. Honestamente esperamos resolver nossas diferenças através de negociações e discussões. Mas observamos que tu e teus seguidores começaram a utilizar armas antes de tentar qualquer outra coisa. Além disso, estais a negar água a meus companheiros. Ordena a eles que desistam dessa ação, de modo que possamos iniciar negociações. Naturalmente, se tu não quiseres nada senão a guerra, não teremos medo disso”.

Moawiya consultou seu conselheiro. A opinião geral era de se aproveitar da valiosa oportunidade e ignorar a carta. Apenas Amr Bin Al A’as estava contra esta posição. Disse ele:

- *“Estás errado. O fato é que Ali e seus homens não querem começar eles próprios a guerra, e é por causa disso que estão calados e têm tentado dissuadir-te de teu plano por meio desta carta. Não penses que recuarão se tu ignorares a carta e continuares negando a água para eles. Pois tomarão suas armas e não se deterão até que nos expulsem do Eufrates com desonra”*.

Apesar disso, a maioria dos conselheiros foi de opinião de que o impedimento de água enfraqueceria o inimigo compelindo-o a recuar. O próprio Moawiya era a favor dessa idéia. A discussão terminou e Saasà a solicitou uma resposta, Moawiya, usando a tática de retardamento, disse que enviaria a resposta logo em seguida. Nesse ínterim, ordenou a seus soldados que guardavam a posição para ficarem ainda mais alertas a fim de impedirem a movimentação dos soldados de Ali (A.S.).

Ali (A.S.) ficou aflito com este desenvolvimento da situação, pois isto terminava com toda a esperança de qualquer acordo amigável por meio de conversações e negociações, e demonstrava que o lado oposto era desprovido de qualquer boa vontade. Então, a única saída seria o uso da força. Ele se colocou diante de seus soldados e proferiu um curto, porém, vigoroso discurso:

- *“Estas pessoas iniciaram a opressão, abriram a porta do conflito, e vos receberam com hostilidade. Estão ávidas pela guerra e estão exigindo o derramamento de sangue de vossa parte. Negaram a água a vós. Então, deveis escolher entre dois caminhos. Não há uma terceira alternativa. Ou aceitais a humilhação e a opressão e permanecéis sedentos como estais, ou saciais vossa sede maculando vossas espadas com o sangue impuro deles de maneira que possais matar vossa sede com a água fresca. Morrer é viver uma vida desonrada e de derrota; e viver é ser vitorioso mesmo que custe a morte. Em verdade, Moawiya reuniu a seu redor um bando de ignorantes e desviados e está se aproveitando da ignorância deles, assim fazendo de seus pescoços alvos das setas da morte”*.

Este discurso comoveu e agitou o sangue dos soldados de Ali (A.S.). Eles realizaram um ataque violento e causaram o recuo do inimigo até que tomaram posse do Ghat.

Amir Bin Al A’as, cuja previsão havia se concretizado, disse a Moawiya:

- *“Se Ali e seu exército pagarem a ti com a própria moeda o que farás? Poderás tomar o Ghat uma segunda vez?”*

Moawiya disse:

- *“Na tua opinião, como Ali nos tratará agora?”*

- *“Acredito que Ali não se comportará como tu fizeste. Não nos negará água. Ele não chegou até aqui por tais atitudes”*.

Após expulsarem os soldados de Moawiya do Ghat, os soldados de Ali (A.S.) pediram sua permissão para impedir o inimigo de pegar água. Ali (A.S.) disse:

- *“Não negueis água a eles. Estes são os métodos dos ignorantes. Eu não uso de minhas mãos para tais obras. Iniciarei negociação com eles com base no Livro Sagrado de Deus. Se aceitarem minhas propostas, muito bem, se as rejeitarem lutarei contra eles, dignamente, não negando água a eles. Jamais farei tal coisa e não os oprimirei com a escassez de água”.*

Não muito tempo depois, os soldados de Moawiya passaram a vir ao Ghat lado a lado com os soldados de Ali (A.S.) e ninguém os impediu de pegar água.

11 – O Comerciante Tolo

Um homem corpulento e alto atravessava o mercado de Cufa com um passo firme e decidido. Ele tinha bela aparência e a face queimada de sol, combates no campo de batalha tinham deixado suas marcas nele e o canto de um de seus olhos tinha um pequeno rasgo. Um comerciante, para divertir seus amigos, lançou imundícies sobre o homem. O homem continuou seu caminho da mesma maneira firme e decidido, sem sequer franzir a sobrancelha ou olhar para o comerciante. Quando ele se foi, um amigo do comerciante lhe perguntou:

- *“Sabes quem é aquele homem que tu acabaste de insultar?”*

- *“Não, eu não o conheço. Era um transeunte como as milhares de pessoas que passam por aqui todo dia. Mas dize, quem era?”*

- *“Não o reconheceste? Era Malik Ashtar, o famoso Comandante Chefe de Ali”.*

- *“Como? Era Malik Ashtar? O mesmo Malik cuja bravura reduz o coração de um leão em água e cuja menção do nome faz seus inimigos tremerem de medo?”*

- *“Sim, aquele era Malik!”*

- *“Ai de mim! O que fui fazer? Agora ele dará ordem para que me punam severamente. Devo correr até ele imediatamente para apresentar minhas desculpas e pedir para que me perdoe por meu mau comportamento”.*

Ele correu atrás de Malik e o viu se dirigindo a uma mesquita. Seguiu-o até a mesquita e viu que ele tinha começado a orar. Ele esperou até que terminasse sua prece e humildemente se apresentou e disse:

- *“Eu sou o homem que cometeu aquela tolice e se comportou desrespeitosamente contigo”.*

Malik disse:

- *“Mas, por Deus, não vim a mesquita senão por tua causa; porque entendi que tu eras um homem muito ignorante e desviado e que causavas problemas às pessoas sem nenhuma razão. Senti pena de ti e vim aqui orar por ti e pedir a Deus para que o guiasse a senda da retidão. Não tive nenhuma intenção como as que te fizeste temer”.*

12 – O que aconteceu a teus filhos?

Após o martírio de Ali (A.S.) e a dominação absoluta de Moawiya sobre o califado, de um modo ou de outro, contatos foram feitos entre ele e os sinceros seguidores de Ali (A.S.). Moawiya tentava a todo custo fazê-los declarar que não tinham ganhado coisa alguma com a amizade de Ali (A.S.). Obviamente eles tinham perdido tudo em nome daquela amizade. Moawiya ansiava ouvir, pelo menos, alguma expressão de remorso, porém, este desejo nunca se materializou. Depois de seu martírio os seguidores de Ali (A.S.) se conscientizaram ainda mais de suas virtudes e de sua excelência. E em sua memória estavam fazendo mais ainda por seu amor, por seus princípios e para manter viva sua missão. Enfrentavam todos os tipos de dificuldades com muita coragem. E, como resultado disso, os esforços de Moawiya muitas vezes produzia efeitos contrários.

Adi, filho de Hatim, o grande chefe da tribo Tai, foi um dos devotados e sinceros seguidores de Ali (A.S.). E ele, seus filhos e sua tribo estavam sempre prontos a sacrificar tudo por Ali (A.S.). Seus três filhos, Tarfa, Turaif e Tarif foram martirizados na guerra de Siffin sob o estandarte de Ali (A.S.). O tempo passou; Ali (A.S.) foi martirizado; Moawiya usurpou o califado até que, certa vez, Adi ficou face a face com Moawiya. Tentando fazer reviver suas tristes memórias e fazê-lo confessar o quanto de malefício tinha vindo sobre ele oriundo da fidelidade a Ali (A.S.), Moawiya perguntou:

- *“O que aconteceu a teus três filhos, Tarfa, Turaif e Tarif?”*
- *“Foram martirizados na batalha de Siffin sob o estandarte de Ali”.*
- *“Ali não foi justo contigo”.*
- *“Por quê?”*
- *“Porque ele lançou teus filhos na boca da morte e preservou seus próprios filhos em segurança”.*
- *“Eu é que não fui justo para com Ali!”*
- *“Por quê?”*
- *“Porque ele foi morto e eu ainda estou vivo. Eu devia ter sacrificado minha vida por ele”.*

Moawiya viu que não conseguia o que almejava. Por outro lado, ele queria ouvir sobre o caráter e a vida de Ali (A.S.) diretamente daqueles que tinham estado mais perto dele e que tinham vivido com ele diariamente. Portanto, pediu a Adi para que narrasse sobre o caráter de Ali (A.S.). Adi pediu para não o fazê-lo; mas Moawiya insistiu e então Adi disse:

- *“Por Deus, Ali foi o homem mais forte e de maior visão dentre todos os homens. Ele falava com retidão e decidia os casos com clareza. Era um oceano de sabedoria e conhecimento. Odiava a pompa do mundo e a ostentação, e gostava da solidão da noite. Ele chorava por amor a Deus e refletia sobre Ele. Na solidão, analisava*

a si mesmo e lamentava as ações do passado. Preferia a vida simples e vestes curtas. Entre nós era como um de nós. Se solicitássemos algo, atendia nossa solicitação. Quando o visitávamos nos fazia sentar perto dele sem manter qualquer distância. A despeito de toda esta humildade, sua presença inspirava temor de tal maneira que não nos atrevíamos a falar nada antes dele. Quando sorria seus dentes apareciam, como um colar de pérolas. Ele respeitava as pessoas honestas e tementes e era gentil com o indigente. Nenhum homem forte temia qualquer injustiça de sua parte, tampouco o fraco descreditava de sua justiça. Por Deus, uma noite eu o vi em pé em seu lugar de oração quando a noite escura cobria tudo; lágrimas rolavam por sua face e barba, estava tão agitado como uma pessoa mordida por uma serpente, e chorava como um alguém desamparado. Quando lembro é como se ainda ouvisse sua voz quando se dirigia ao mundo: “Ó mundo, vens em minha direção e desejas atrair-me? Vás ludibriar a outra pessoa. Eu divorciei-me de ti muitas vezes e não há retorno. Teu prazer não tem valor e tua importância é insignificante. A provisão é muito pouca, a viagem é muito longa e não há companhia.”

Ouvindo estas palavras de Adi, Moawiya começou a chorar, em seguida, enxugando as lágrimas, disse:

- *“Que Deus abençoe Abul Hassan (Ali). Ele era exatamente como tu disseste. Então, dize-me como te sentes sem ele?”*
- *“Eu me sinto como uma mãe cujo filho querido está decapitado em seu colo”.*
- *“Te esquecerás algum dia dele?”*
- *“O mundo me permitirá esquecer dele?”*

13 - A Aposentadoria

Um ancião cristão tinha trabalhado por toda sua vida, mas não conseguiu poupar nada para sua velhice. Recentemente, tinha ficado cego. A velhice, a pobreza e a cegueira tinham juntado as mãos e ele não tinha nenhuma alternativa senão a mendicância. Ele costumava ficar na esquina de uma passagem para pedir. As pessoas tinham compaixão dele e davam algumas esmolas das quais se alimentava, e assim, o ancião continuava sua triste vida.

Um dia Ali (A.S.), o Príncipe dos Fiéis, passou por ali e viu o mendigo naquela condição. Ali (A.S.), movido pela compaixão, inquireu sobre aquele ancião. Queria saber as razões que o levaram àquela condição.

- *“Não teve ele nenhum filho para sustentá-lo? Não há nenhum outro modo para que ele leve uma vida respeitável em sua velhice?”*

As pessoas que conheciam o homem vieram e informaram Ali (A.S.) que ele era cristão e que tinha trabalhado arduamente enquanto era jovem, forte e tinha visão. Agora que tinha perdido sua juventude, a sua visão e estava incapacitado para qualquer trabalho e que, também, não tinha economias, era natural que estivesse mendigando. Ali (A.S.) disse:

- *“Que estranho! Enquanto teve força extraímos benefício de seu trabalho e agora o abandonamos a si mesmo? Sua história demonstra que enquanto teve forças trabalhou. Portanto, é dever do Estado e da sociedade sustentá-lo enquanto estiver vivo. Que seja dada a ele uma pensão vitalícia proveniente do Tesouro Público”.*



14 – Nas terras de Mina

Os peregrinos tinham se reunido em Mina e o Imam Assadeq (A.S.) e seus companheiros estavam sentados num lugar onde comiam uvas colocadas diante deles. Um pedinte surgiu e pediu por ajuda, o Imam pegou algumas uvas e deu a ele, mas o pedinte não aceitou e pediu dinheiro. O Imam disse a ele que o desculpasse, pois não tinha dinheiro e o homem foi embora desapontado. Depois de caminhar uns poucos passos ele pensou melhor, voltou e pediu um pouco das uvas. O Imam, porém, recusou lhe dar as uvas. Logo em seguida, um outro pedinte apareceu e o Imam novamente pegou algumas uvas e deu a ele.

O homem aceitou e disse: *“Louvado seja o Senhor do Universo que concedeu-me o sustento”*.

Ao ouvir estas palavras, o Imam disse para que ele esperasse e deu-lhe dois punhados de uvas. O pedinte agradeceu a Deus pela segunda vez. O Imam, novamente, pediu a ele que esperasse e voltando-se a um de seus amigos disse:

- *“Quanto dinheiro tens contigo?”*

O homem procurou em seus bolsos e encontrou quase vinte dirhams e entregou ao homem conforme o pedido do Imam. O homem agradeceu a Deus pela terceira vez dizendo: *“Os louvores pertencem unicamente a Deus. Ó Deus, tu és o Doador de todo bem, e Tu não tens associado”*.

Ao ouvir estas palavras, o Imam tirou uma peça de sua roupa e a entregou ao pedinte. Então, o homem mudou o tom e disse umas poucas palavras de agradecimento ao próprio Imam. Com isso, o Imam não lhe deu mais nada e ele foi embora.

Seus amigos e companheiros que estavam presentes ali disseram:

- *“Pensamos que se o pedinte tivesse continuado a louvar a Deus da mesma maneira que antes, o Imam teria continuado a dar mais e mais. Mas quando o homem mudou sua fala e louvou e agradeceu a ele, o Imam não continuou a ajudá-lo”*.

15 – A Proteção que foi revogada

Os muçulmanos tinham migrado para a Abissínia em virtude da tortura e perseguição de Coraich, porém, diariamente esperavam por alguma notícia de sua terra natal. Aqueles que eram os portadores do estandarte da Unicidade e da Justiça de Deus, embora fossem uma insignificante minoria em comparação às levas de idólatras, estavam mantendo sua posição na religião e no sistema social de forma firme, e estavam confiantes que dia após dia seus apoiadores cresceriam e seus adversários diminuiriam. Eles esperavam que a cortina da ignorância fosse removida dos olhos dos não-crentes e que toda a tribo de Coraich abraçaria o Islam, abandonando seus ídolos.

Um rumor crescia em sua localidade na Abissínia, de que toda a Coraich tinha se convertido ao Islam. Ainda que a notícia não fosse confirmada, os refugiados, com uma profunda fé em sua religião, e sua forte expectativa e esperança na vitória final do Islam, lideraram um grupo para retornar a Mecca sem esperar pela confirmação da notícia de fontes confiáveis. Um deles era Othman Bin Madh’un, o famoso companheiro do Profeta (S.A.A.S.), que foi extraordinariamente ligado a ele e foi muito respeitado por todos os muçulmanos.

Quando ele chegou às proximidades de Mecca, percebeu que a notícia não era correta, pelo contrário, Coraich tinha intensificado a tortura e a opressão aos muçulmanos. Ele estava numa situação difícil, não podia retornar a Abissínia já que era muito distante; e se entrasse em Mecca, se tornaria um alvo da tortura dos Coraichitas. Por fim, uma idéia lhe veio à mente. Ele pensou em se aproveitar de um costume árabe de se colocar sob a proteção de um dos homens influentes de Coraich. De acordo com este costume se uma pessoa recorresse a um árabe por proteção, teria seu pedido atendido, e este o protegeria mesmo a custo de sua própria vida. Para um árabe seria uma vergonha se alguém lhe pedisse proteção e ele não o atendesse, mesmo que essa pessoa fosse seu inimigo.

Assim, Othman entrou em Mecca à meia noite e foi direto à casa de Walid, filho de Mughira Makhzumi, um homem rico e influente de Coraich. Ele pediu por proteção, a qual lhe foi prontamente

concedida. No dia seguinte, Walid levou-o ao Al Hárám e fez um anúncio formal perante os anciãos da tribo de que daquele momento em diante Othman estava sob sua proteção e que qualquer coisa feita contra ele seria considerada contra ele próprio (Walid). Como Walid era muito respeitado por Coraich, ninguém se atreveria a molestar Othman. Ele se movimentava livremente como qualquer pessoa de Coraich, inclusive comparecendo a suas reuniões.

Mas ao mesmo tempo, a perseguição aos outros muçulmanos continuava sem tréguas. E isso era deveras difícil para Othman, que não estava feliz ao gozar de segurança enquanto seus irmãos muçulmanos continuavam a sofrer. Certo dia pensou consigo que não era justo de sua parte estar seguro sob a proteção de um idólatra ao passo que seus irmãos estavam sendo perseguidos. Então, ele foi até Walid e disse:

- *“Sou sinceramente grato a ti. Tu me deste proteção e me guardaste; mas de hoje em diante desejo sair da tua proteção, e me juntar a meus amigos. Que o que acontecer com eles, aconteça a mim”*.

- *“Sobrinho, não estás contente comigo ou minha proteção não pôde manter-te seguro?”*

- *“Não, não estou descontente, de modo algum. Mas não quero viver mais sob a proteção de ninguém senão de Deus”*.

- *“Já que decidistes assim, eu gostaria de ir até o Al Haram de Mecca anunciar tua saída de minha proteção, como quando te levei lá e anunciei a tua proteção no primeiro dia”*.

- *“Muito bem, não faço nenhuma objeção a isso”*.

Eles chegaram ao Al Haram. Quando os anciãos tinham se reunido, Walid disse:

- *“Que todos saibam que Othman veio aqui para anunciar sua saída de minha proteção”*.

Othman disse:

- *“Ele está certo. Vim aqui com esta intenção e também para informar-vos que enquanto estive sob sua proteção, ele protegeu-*

me muito bem e eu não tive nenhum motivo para reclamar. A razão para minha saída de sua proteção é que quero viver sob a proteção de qualquer outro senão de Deus”.

Foi desse modo que o período de proteção chegou ao fim e ele perdeu a imunidade da perseguição. Porém, ainda transitava livremente entre os Coraichitas como antes.

Um dia, Labid bin Rabia, o famoso poeta da Arábia, chegou a Mecca para recitar seu mais novo Qasida (poema), e que hoje é conhecido como uma obra-prima e um clássico da literatura árabe do período pré-islâmico. O poema inicia com o seguinte verso:

“Sabei que todas as coisas são nulas e vazias exceto Deus, nada é real exceto Deus”.

Consta que o Profeta (S.A.A.S.) teria dito sobre este verso: *“Este é o verso mais verdadeiro que já foi composto”*.

Labid foi até Mecca e Coraich se reuniu para ouvir aquele grande poeta. Houve um silêncio profundo para que se ouvisse aquele que era considerado como o melhor trabalho de Labid. Ele começou a recitação com um orgulho manifesto:

- *“Sabei que todas as coisas são nulas e vazias exceto Deus, nada é real exceto Deus”*.

Antes que pudesse recitar o segundo verso, Othman, sentado num canto, disse em voz alta:

- *“Excelente, disseste a verdade. É a realidade; tudo é falso exceto Deus”*.

Então, Labid recitou o segundo verso:

- *“E, sem dúvida, todas as riquezas chegam ao fim”*.

Othman gritou:

- *“Mas isto está errado. Nem todas as riquezas chegam ao fim. Isto é verdade apenas para as riquezas materiais. As riquezas espirituais são imperecíveis e eternas”*.

As pessoas ficaram surpresas. Ninguém esperava que um homem que até há pouco tempo atrás estava sob a proteção de outra pessoa e que agora não tinha segurança, poder ou riqueza se atreveria a criticar um poeta da estatura de Labid num encontro dos chefes e anciãos de Coraich.

Eles pediram a Labid para que repetisse os versos; o poeta repetiu o primeiro verso e novamente Othman disse:

- *“Verdade, correto!”*

Mas quando Labid recitou o segundo verso, Othman disse:

- *“Errado. Não é verdade; as riquezas espirituais não são percebíveis”.*

Desta vez o próprio Labid se sentiu incomodado e protestou:

- *“Ó povo de Coraich! Por Deus, antes vossas reuniões não eram como esta. Não havia pessoas grosseiras e mal-educadas entre vós. Como encontro, agora, entre vós, pessoas assim?”*

Um homem do público, com a intenção de acalmá-lo e fazê-lo continuar a recitação, disse gentilmente:

- *“Por favor, não se irrite com as palavras desse homem. Ele é louco. Há um grupo de pessoas loucas nesta cidade. Todas possuem a mesma crença que este tolo. Elas saíram de nossa crença e escolheram uma nova religião”.*

Othman respondeu duramente ao homem. O homem perdeu a calma, saiu de seu lugar e esbofeteou a face de Othman com toda força, resultando-lhe um olho roxo. Depois disso um dos presentes disse a Othman:

- *“Othman, por que não apreciaste o valor da proteção de Walid? Se tu estivesses ainda sob sua proteção, não estarias com o olho roxo”.*

- *“A proteção de Deus é mais segura e mais digna do que a proteção de qualquer outro. No que diz respeito a meu olho, o outro também anseia atingir a mesma honra na senda de Deus”.*

Walid se adiantou e disse:

- *“Othman, estou pronto a tomá-lo outra vez sob minha proteção”.*

- *“Decidi não aceitar a proteção de ninguém mais senão de Deus”.*

16 – A prece que foi atendida

“Ó Deus, não permita que eu retorne para minha família”.

Estas foram as palavras que Hind, a esposa de Amr Ibn Jamuh, ouviu de seu marido quando ele deixou seu lar inteiramente armado para participar na batalha de Uhud. Era a primeira vez que ele combateria ao lado dos muçulmanos. Não tinha lutado antes já que era coxo e, de acordo com a clara ordem do Alcorão, a guerra não é compulsória aos cegos, coxos ou doentes.

Muito embora não tivesse participado na guerra, seus quatro corajosos filhos estiveram sempre com o Santo Profeta (S.A.A.S.). Ninguém jamais teria pensado que Amr, a despeito de sua genuína justificativa, e depois de enviar seus quatro filhos a guerra, quisesse ele próprio ser incluído entre os combatentes do Islam.

Quando seus parentes ouviram sobre sua decisão tentaram persuadi-lo a mudar de idéia. Eles disseram:

- *“Primeiramente, tu estás isento da guerra, pelo regulamento da Lei Divina. Segundo, tens quatro filhos corajosos que estão indo com o Profeta. Portanto, não é necessário que vás”.*

Amr respondeu:

- *“Como meus filhos desejam conseguir o Paraíso e a bem aventurança, eu também desejo. Não será estranho que eles sigam e atinjam o martírio enquanto eu permaneço sentado em casa convosco? Não, não é possível”.*

Seus parentes não aceitaram seu ponto de vista; e um após o outro vieram tentar persuadi-lo. Por fim, Amr apelou ao Profeta (S.A.A.S.):

- *“Ó Profeta de Deus! Meus parentes querem confinar-me em casa. Não estão permitindo-me participar da batalha. Por Deus, é meu desejo ir para o Paraíso com esta perna manca”.*

- *“Ó Amr! Afinal, tu tens uma justificativa real. Deus te isentou. A guerra não é compulsória a ti”.*

- *“Ó Profeta de Deus! Estou ciente disso. Sei que não é compulsória para mim, mesmo assim...”*

O Profeta disse:

- *“Não te proibirei de ir para a batalha, uma vez que tens o desejo de alcançar o martírio, que Deus o abençoe com isso”.*

Uma das mais espetaculares cenas do campo de batalha de Uhud foi o combate de Amr Ibn Jamuh, que com sua perna manca atacava o centro do exército inimigo e gritava: *“Eu desejo o Paraíso”*. Um de seus filhos movimentava-se atrás dele e eles combateram com heroísmo até que ambos foram mortos.

Depois que a guerra acabou, muitas mulheres muçulmanas saíram de Medina para conseguirem notícias sobre o acontecido. Estavam ansiosas, principalmente em vista das assustadoras notícias que tinham chegado à cidade. A'isha, esposa do Profeta (S.A.A.S.), era uma delas. Quando ela saiu da cidade viu Hind puxando a rédea de um camelo carregando três cadáveres. A'isha perguntou:

- *“Como foi a batalha?”*

- *“Louvado seja Deus, o Profeta está salvo. Como ele está seguro eu não me preocupo. A outra notícia é que Deus fez os descrentes sofrerem um revés de tristeza”.*

- *“De quem são estes corpos?”*

- *“Meu irmão, meu filho e meu marido”.*

- *“Para onde estás a levá-los?”*

- *“Eu os levo para Medina, onde serão enterrados”.*

Ao dizer isto, Hind puxou a rédea do camelo em direção a Medina. Mas o animal parecia não querer prosseguir e por fim, sentou. A'isha disse:

- *“Parece que está muito pesado; ele não pode continuar carregando”.*

- *“Não. Este nosso camelo é muito forte, deve haver uma outra razão”.*

Dizendo isto, ela puxou a rédea na direção de Medina, e o camelo sentou novamente. Quando ela virou o camelo na direção de Uhud, para sua surpresa o animal começou a caminhar rapidamente. Aquilo era estranho. Hind pensou: *“Talvez haja algum mistério nisso”*. Então, ela manteve o animal na direção de Uhud e foi direto até o Profeta:

- *“Ó Profeta de Deus! Há um fato estranho aqui. Eu coloquei estes corpos para levá-los a Medina a fim de enterrá-los. Quando eu puxo a rédea na direção de Medina o animal se recusa a me obedecer. Mas quando eu o guio na direção de Uhud, ele caminha rapidamente”.*

- *“Teu marido disse alguma coisa quando chegou em Uhud?”*

- *“Ó Profeta de Deus! Quando ele saiu de casa, eu o ouvi dizer: “Ó Deus, não permitas que eu retorne à minha família”.*

- *“Então esta é a razão. A prece sincera deste mártir foi aceita. Deus não quer que seu corpo retorne. Existem homens dentre nós, auxiliares dos Profetas, que se pedirem algo a Deus, o Senhor Todo-Poderoso concederá o que pedirem. Teu marido foi um desses”.*

Com a recomendação do Profeta (S.A.A.S.), aqueles homens foram enterrados em Uhud. Em seguida, o Profeta (S.A.A.S.), se dirigindo a Hind disse:

- *“Estes homens estarão juntos no outro mundo”.*

- *“Ó Profeta de Deus! Ore para que Deus Todo-Poderoso permita que eu esteja junto a eles”.*

17 – O Direito da Companhia

Naquela época Cufa era a capital e centro do Governo Islâmico. Todos os olhos da vasta nação muçulmana (com exceção da Síria) estavam fixos naquela cidade, esperando que as ordens fossem emitidas e as decisões fossem tomadas.

Certo dia, fora da cidade, dois cavalheiros, um muçulmano e outro pertencente a um dentre os Povos do Livro¹⁷ (judeu, cristão ou zoroastra) se encontraram no caminho. O muçulmano estava a caminho de Cufa e o outro ia para um lugar próximo. Já que uma parte da jornada dos dois era a mesma, decidiram viajar juntos.

No caminho conversaram sobre diversos assuntos de interesse mútuo e por fim chegaram ao ponto onde seus caminhos se separavam. O não-muçulmano ficou surpreso ao ver que seu companheiro muçulmano não tomou o caminho para Cufa, mas o acompanhou pelo caminho que ele estava indo. O homem perguntou:

- “Tu não disseste que estavas indo à Cufa?”

- “Sim”.

- “Então por que estás seguindo este caminho? O que leva a Cufa é o outro”.

- “Eu sei. Quero caminhar uns poucos passos para me despedir de ti. Pois o Profeta disse: “Sempre que duas pessoas viajarem juntas no mesmo caminho, que estabeleçam direitos recíprocos”. Então, tu tens um direito sobre mim e em nome desse teu direito quero acompanhá-lo um pouco mais e depois disso, naturalmente, retornarei a meu próprio caminho”.

- “Tal autoridade e poder que Vosso Profeta sustenta entre o povo, a perfeição e a rapidez assustadora com que sua religião se espalha no mundo, deve ser, certamente, por causa de seu nobre caráter”.

A surpresa e a admiração daquele cavalheiro alcançaram seu limite quando soube mais tarde que seu companheiro era Ali Ibn Abu Talib (A.S.), o califa daquela época. Tempos depois ele abraçou o Islam e foi contado entre os mais devotados e abnegados companheiros de Ali (A.S.).

17. O povo que segue um livro celestial.



18 - O Mercado Negro

O número de dependentes do Imam Jafar Assadeq (A.S.) tinha aumentado e com isso suas despesas também. O Imam decidiu investir algum dinheiro no comércio para cobrir suas crescentes despesas domésticas. Ele preparou uma quantia de mil dirhams, que deu a seu servo chamado Musadif, ordenando que ele seguisse para o Egito e investisse o dinheiro em um negócio em seu nome.

Musadif comprou algumas mercadorias costumeiramente exportadas ao Egito, e se juntou a uma caravana de comerciantes que estava levando o mesmo tipo de mercadoria ao Egito. Quando chegaram perto do Egito, encontraram uma outra caravana saindo da cidade. Os comerciantes perguntaram sobre os assuntos de seus interesses. Durante o curso da conversa ficaram sabendo que as mercadorias que Musadif e seus companheiros estavam levando não estavam disponíveis no Egito e que havia grande demanda por elas no país. Eles ficaram muito contentes com sua boa ventura. Na verdade, eram artigos de uso comum e as pessoas iriam comprá-los a todo custo. Ao ouvirem a boa notícia os comerciantes decidiram explorar a situação e fizeram um acordo de não vender as mercadorias por menos de cem por cento de lucro.

Os comerciantes chegaram à cidade e a situação era exatamente como haviam sido informados. Tal como haviam acordado, criaram um mercado negro e não venderam as mercadorias por menos do que o dobro do custo. Musadif voltou a Medina com um lucro líquido de mil dirhams. Feliz como estava foi até o Imam Assadeq (A.S.) e colocou diante dele dois sacos, cada um contendo mil dirhams. O Imam perguntou:

- *“O que é isto?”*

- *“Um dos sacos representa o capital que me entregaste e o outro, que é de igual valor, é o lucro que eu consegui”.*

- *“Certamente o lucro é inesperadamente alto. Diga-me, como pôde conseguir tanto lucro?”*

- *“O fato é que quando cheguei perto do Egito soubemos que a mercadoria que estávamos carregando tinha se tornado escassa no país e combinamos não vender as mercadorias por menos que o dobro do custo.”*

- *“Ó Deus, fizestes isto? Vos comprometestes em criar um mercado negro entre os muçulmanos e não vender as mercadorias por menos que o dobro do preço real! Eu não quero este negócio nem este lucro”.*

O Imam (A.S.) pegou um dos sacos e disse: *“Este é meu capital”.* Não tocou no outro saco e disse que não queria ter nenhuma relação com aquilo. E então disse:

- *“Ó Musadif, é mais fácil lutar com uma espada do que ganhar o sustento licitamente”.*

19 - O Dinheiro Abençoado

A pedido do Profeta do Islam (S.A.A.S.), Hadrat Ali (A.S.) foi comprar uma camisa para ele. Ali (A.S.) foi ao mercado e comprou uma camisa por doze dirhams. O Profeta Mohammad (S.A.A.S.) perguntou:

- *“Por quanto a compraste?”*

- *“Por doze dirhams”.*

- *“Eu não gostei dela, quero uma mais barata. O comerciante a aceitaria de volta?”*

- *“Eu não sei, ó Mensageiro de Deus”.*

- *“Por favor, vá e veja se ele a aceita de volta”.*

Ali (A.S.) levou a camisa ao comerciante e disse a ele:

- *“O Mensageiro de Deus deseja uma mais barata, concordarias em aceitá-la de volta e devolver o dinheiro?”*

O comerciante concordou e devolveu o dinheiro a Ali (A.S.) que levou o dinheiro ao Profeta (S.A.A.S.). Depois disso, Mohammad e Ali foram ao mercado juntos. No caminho, o Profeta (S.A.A.S.) viu uma jovem serva que estava chorando. Ele foi até ela e perguntou:

- *“Por que choras?”*

- *“Meu amo deu-me quatro dirhams para comprar algumas coisas no mercado. Eu não sei onde perdi o dinheiro. Agora, não tenho coragem de voltar para casa”.*

Dos doze dirhams, o Profeta Mohammad (S.A.A.S.) deu quatro à garota e disse:

- *“Compre o que tens que comprar e volta para tua casa”.*

O Profeta (S.A.A.S.) seguiu para o mercado e depois de comprar uma camisa por quatro dirhams, a vestiu. Quando voltavam do mercado, ele viu um homem desnudo e rapidamente tirou sua camisa e a deu a ele. Novamente, ele seguiu para o mercado e comprou outra camisa por quatro dirhams e a vestiu. No caminho, outra vez, ele viu a mesma serva que estava sentada assustada e aflita. Ele perguntou:

- *“Por que não voltaste para tua casa?”*

- *“Ó Mensageiro de Deus, é muito tarde para mim e estou com medo de que eles me batam e me perguntem por que demorei tanto”.*

- *“Diga-me onde moras e venha comigo, assim posso pedir para que ninguém faça nada contra ti”.*

O Profeta Mohammad (S.A.A.S.) acompanhou a serva e quando chegaram perto da casa a garota disse: *“Esta é a casa”.*

Em voz alta, o Mensageiro de Deus (S.A.A.S.) disse: *“As’salam alaikum moradores desta casa”.*

Ele não recebeu resposta alguma, então, disse outra vez *“Salam”*. Porém, de novo não teve resposta. Disse *“Salam”* pela terceira vez e então todos responderam dizendo: *“As’salamu alaik, ó Mensageiro de Deus”.*

- *“Por que não respondestes da primeira vez? Não ouvistes minha voz?”*

- *“Sim! Depois de ouvir a tua voz pela primeira vez, soubemos que eras tu”.*

- *“Então qual a razão da demora na resposta?”*

- *“Ó Mensageiro de Deus, quisemos ouvir tua voz mais vezes. Teu salam é virtude, paz e bênção para nós”.*

- *“Vossa serva demorou a voltar. Portanto, eu venho pedir a vós que não destineis nenhum castigo a ela”.*

- *“Ó Mensageiro de Deus! Pelas bênçãos de tua graciosa vinda a nossa casa daremos a liberdade a esta garota”.*

O Profeta disse:

“Um milhão de louvores a Deus. Quão abençoados foram esses doze dirhams; com os quais duas pessoas sem roupa foram vestidas e uma jovem serva ganhou sua liberdade”.

20 – Os Direitos da Mãe

Já fazia algum tempo que Zakaryya, filho de Ibrahim, se sentia atraído pelo Islam, embora seu pai, sua mãe e todos os membros de sua família fossem cristãos e ele próprio o fosse, sua consciência e seu coração se inclinavam para o Islam. Por fim, contra o gosto de seu pai, de sua mãe e de seus familiares, ele abraçou o Islam.

O período de Hajj (Peregrinação à Mecca) começara e o jovem Zakaryya deixou Cufa com o objetivo de realizá-lo, com isso teve a honra de encontrar o Imam Assadeq (A.S.) em Medina. Ele contou ao Imam o incidente de sua conversão ao Islam e o Imam perguntou:

- *“Qual virtude do Islam atraiu a tua atenção?”*

- *“O que eu posso dizer é que foram as palavras de Deus no Alcorão que me impressionaram e isso se prova verdadeiro no meu caso. Deus diz a seu Profeta no Alcorão: “Ó Profeta! Antes tu não conhecias nada do Livro e não sabias o que era a fê, porém, revelamos a ti o Alcorão e o fizemos uma luz pela qual guiamos a quem nos aprouver”.*”

O Imam (A.S.) disse:

- *“Eu confirmo que Deus te guiou”.*

Em seguida o Imam disse três vezes:

- *“Ó Deus seja um Guia para ele”.*

E então disse:

- *“Meu filho, agora qualquer que seja a questão, pergunta-me”.*

O jovem disse:

- *“Meu pai, minha mãe e meus parentes são cristãos. Minha mãe é cega, Eu estou ligado a eles e me vejo obrigado a alimentá-los. O que deveria fazer em tais circunstâncias?”*

- *“Eles comem carne de porco?”*

- *“Não, ó filho do Profeta! Eles nem mesmo tocam em carne de porco!”*

- *“Então não há nada de errado em tua ligação com eles. Seja cuidadoso quanto à saúde de tua mãe. Seja bondoso com ela enquanto ela viver. E quando tua mãe morrer não entregue seu corpo a ninguém. Tu, pessoalmente, deverás se encarregar de seu cadáver”.*

Em seguida o Imam (A.S.) acrescentou:

- *“Não digas a ninguém que me encontrou. Eu também irei a Mecca. Se Deus quiser nos encontraremos em Mina”.*

Em Mina o jovem procurou o Imam. Havia uma imensa multidão em volta do Imam Assadeq (A.S.). As pessoas, como crianças rodeando seu professor faziam perguntas uma após a outra sem nenhuma interrupção e ouviam suas respostas.

O período do Hajj terminou e o jovem voltou para Cufa. Ele tinha em sua mente os conselhos do Imam. Com firme determinação ele começou a servir sua mãe e nunca deixou de ser bondoso e amável com ela. Ele mesmo servia a comida para ela e ele mesmo costumava examinar suas roupas e sua cabeça para se certificar que ela não contraísse piolhos. Esta mudança no comportamento do filho, principalmente depois de seu retorno de Mecca, era surpreendente para sua mãe. Um dia ela perguntou ao filho:

- *“Querido, antes, quando seguias nossa religião, não era tão bondoso comigo. O que aconteceu a ti que embora não sigamos a mesma religião, tu és mais gentil comigo do que antes?”*

- *“Querida mãe, um membro da casa do Profeta disse-me para fazer isso”.*

- *“Ele é um profeta?”*

- *“Não, ele não é um profeta. É o filho do Profeta”.*

- *“Meu filho! Acho que ele deve ser um profeta já que os conselhos e os ensinamentos dele não são dados senão pelos Profetas”.*

- *“Não, mãe! Tenha certeza de que ele não é um Profeta. Ele é o filho do Profeta. Na verdade, nenhum profeta virá a terra depois do nosso Profeta Mohammad”.*

- *“Meu filho! Tua religião é muito boa. É melhor do que todas as outras religiões. Ensina-me tua religião”.*

O jovem comunicou a Shahada a sua mãe (**Não há outro Deus senão o Deus Único e Mohammad é o Mensageiro de Deus**) e ela tornou-se muçulmana. Em seguida, o jovem ensinou-a a realização da Prece. A mãe aprendeu e realizou o Salat Dzhur e o Salat Asr. Anoteceu e ela realizou o Salat Maghrib e o Salat Isha. Tarde da noite, a condição de sua saúde mudou; ela ficou doente e foi acamada. A mãe chamou o filho e disse:

- *“Meu filho, uma vez mais me ensina todas as coisas que me ensinaste”.*

De novo, o filho ensinou a sua mãe a *shahada* e todos os princípios do Islam, ou seja, a crença em Deus, nos Profetas, nos Anjos, nos Livros Divinos e na Ressurreição. A mãe repetiu tudo como um sinal de sua fé e ofereceu sua vida ao Criador. Pela manhã os muçulmanos se reuniram para realizar seu banho ritual e seu funeral. A prece em intenção ao falecido foi dirigida por seu filho *Zakaryya*.

21 – Estás dormindo ou acordado?

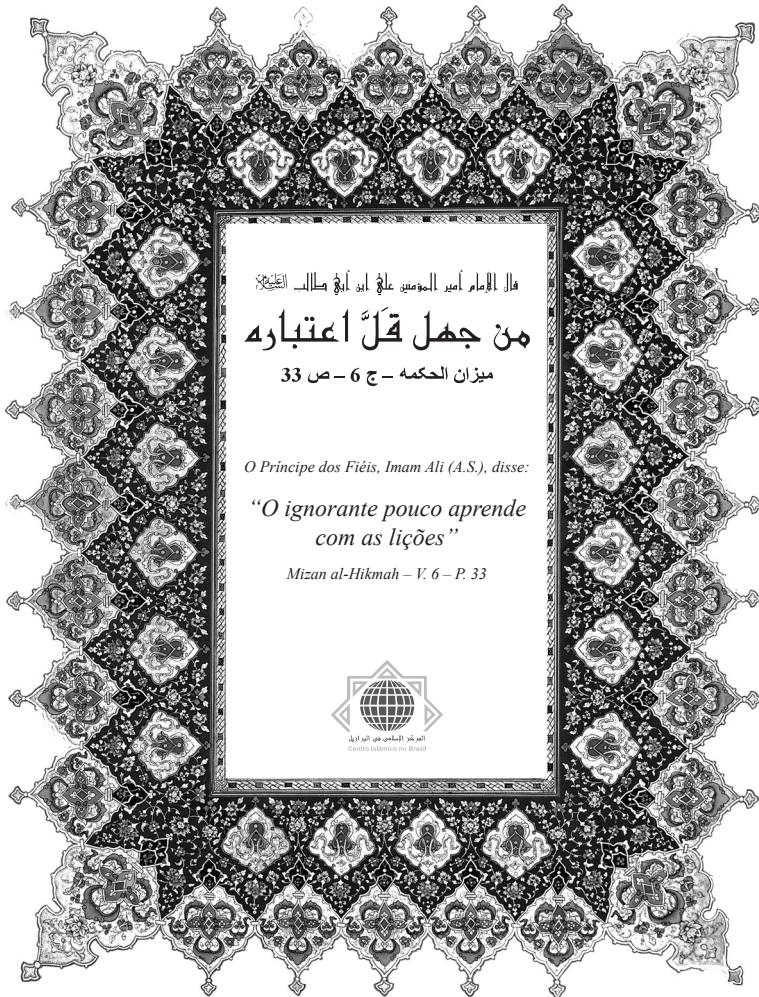
Habbah Arni e Nawf Bakáli estavam deitados no pátio do Forte *Darul Amárah* de Cufa. Após a meia-noite viram que o Príncipe dos Crentes, Ali (A.S.), estava vindo do Forte para o pátio. Mas ele não estava bem, estava assustado e não podia manter o equilíbrio de seu corpo. Sustentando as mãos no muro e com o corpo inclinado, caminhava lentamente e apoiado no muro. Ele estava recitando alguns dos últimos versículos alcorânicos da Sura Al Imrán:

“Na criação dos céus e da terra e na alternância do dia e da noite há sinais para os sensatos, que mencionam Deus, estando em pé, sentados ou deitados, e meditam na criação dos céus e da terra, dizendo: Ó Senhor nosso, não criaste isto em vão. Glorificado sejas! Preserva-nos do tormento infernal! Ó Senhor nosso, quanto àqueles a quem introduzirás no fogo, Tu os aviltarás! Os iníquos não terão socorredores! Ó Senhor nosso, ouvimos um pregoeiro que nos convoca à fé dizendo: Crede em vosso Senhor! E cremos. Ó Senhor nosso, perdoa as nossas faltas, redime-nos das nossas más ações e acolhe-nos entre os virtuosos. Ó Senhor nosso, concede-nos o que prometeste, por intermédio dos Teus mensageiros, e não nos avilte no Dia da Ressurreição. Tu jamais quebras Tua promessa”. (C. 3 V. 190 a 194)

Logo que ele terminou de recitar estes versículos seu estado se agravou, então, repetiu os versículos outra e outra vez e sua condição piorou ainda mais e ele quase perdeu a consciência. Habbah e Nawf testemunhavam aquela cena assustadora, deitados em seus leitos. Habbah, completamente pasmo, olhava aquela cena surpreendente. Nawf não conseguia controlar suas emoções e chorava copiosamente. Nesse momento, Ali (A.S.) chegou ao leito de Habbah e perguntou:

- “Estás dormindo ou acordado?”

- “Estou acordado ó Imam dos Piedosos! Se uma pessoa como tu ficas em tal estado de pânico e temor Deus, então o que acontece a gente como nós?”



O Imam dos Piedosos abaixou o olhar e chorou. Então, ele disse:

- *“Ó Habbah, todos nós estaremos presentes diante de Deus um dia. E nenhuma de nossas ações está oculta d’Ele. Ele está muito próximo de ti e de mim. Não existe nenhum obstáculo entre nós e Ele”.*

Em seguida ele disse a Nawf:

- *“Estás a dormir?”*

- *“Não, ó Imam dos Piedosos! Estou acordado. E há algum tempo estou chorando”.*

- *“Ó Nawf! Se hoje estás a chorar por temor a Deus, amanhã teus olhos estarão brilhando. Ó Nawf! Ninguém merece mais respeito do que a pessoa que chora por temor a Deus e que faz isso apenas pensando n’Ele. E aquele que desgosta de algo por causa de Deus será recompensado por seu descontentamento. Sempre que alcanceis tal estágio, atingireis as verdades da fé para vosso aperfeiçoamento”.*

Depois disso, ele pregou e aconselhou a Habbah e Nawf. Sua última sentença foi:

- *“Eu vos disse que deveis temer a Deus”.*

Ele passou, então, por eles e foi tratar de suas ocupações. Ele começou suas preces e enquanto as realizava, disse:

- *“Ó Deus, desejo saber se quando estou desatento para Contigo ignora-me ou ainda cuida de mim? Eu gostaria de saber neste longo sonho em que vivo e em minhas deficiências em agradecer-te, qual é minha posição diante de Ti?”*

Habbah e Nawf disseram:

- *“Por Deus, ele (Ali) continuou caminhando na mesma condição até a aurora”.*

22 – As Saudações de um Judeu

Quando a esposa do Mensageiro de Deus, A’ishah, se encontrava sentada com ele, um judeu veio e ao invés de dizer *“As’salamu alaikum”*, disse *“As’sámu alaikum”*, que significa “que a morte venha a ti”. Não muito tempo havia passado e outro judeu veio até o Mensageiro de Deus (S.A.A.S.), e também, ao invés de dizer *“As’salamu alaikum”* disse *“As’sámu alaikum”*. Com isso, estava claro que aquelas pessoas queriam magoá-lo, sob um plano organizado. A’ishah ficou muito zangada com este ato e gritou: *“Que a morte venha a todos vós”.*

O Mensageiro de Deus (S.A.A.S.) disse: *“Não use estas palavras indecentes. Se estas palavras tomassem forma física seriam muito feias e desagradáveis. Ao contrário, doçura, educação e paciência dão uma aparência bela e atraente às coisas. A afeição e a doçura duplicam a beleza humana. E se há deficiência na doçura, na educação e na paciência em qualquer coisa, então, a beleza e a atração disso se reduzem. Afinal, por que ficaste tão zangada e furiosa?”*

A’ishah disse: *“Ó Mensageiro de Deus não vês o que essas pessoas estão dizendo ao invés de as’salamu alaikum, de modo desrespeitoso e desavergonhado?”*

O Profeta (S.A.A.S.) respondeu: *“Não percebestes que em resposta a eles, eu disse: “alaikum”, que significa “o mesmo para vós”, e isso é suficiente como resposta”.*

23 – Um Estudante de Idade Madura

Sikaki era um artesão bem experiente. Com grande perícia e interesse ele moldou um belo tinteiro que poderia ser apresentado ao rei. Sikaki esperava que apreciando sua capacidade artística o rei o encorajasse o máximo possível. Assim, com muitas esperanças e desejos, ele apresentou aquele tinteiro ao rei. No início o rei ficou muito impressionado por sua perícia artística. Porém, logo depois um

desagradável acontecimento ocorreu que causou uma extraordinária mudança na vida de Sikaki e em sua capacidade artística.

Quando o rei estava observando a arte do belo tinteiro e Sikaki se perdia em seus pensamentos, as pessoas informaram que um literato ou juriconsulto estava prestes a chegar na corte. Depois de algum tempo este sábio entrou. O rei ficou muito absorvido na recepção e conversando com ele não pôde pensar mais sobre Sikaki e seu trabalho artístico. Este incidente foi suficiente para produzir um efeito adverso no coração e na mente de um artista como Sikaki. Tal desconsideração do rei teve um efeito profundo em seu íntimo.

Ele percebeu que não receberia o encorajamento que esperava. E com isso, ter qualquer esperança ou desejo era inútil. Porém, o alto conceito de Sikaki e sua capacidade artística não permitiam que ficasse em paz e ele começou a pensar no que deveria fazer. Sikaki decidiu que deveria fazer o mesmo que outros tinham feito até então. Ele pensou: *“Seguirei também o mesmo caminho que outros têm seguido”*. Portanto, ele decidiu buscar suas últimas esperanças no mundo do conhecimento no mundo dos livros. Mas, para um homem sábio que tinha despendido os dias de sua juventude em outros trabalhos, não seria fácil se aplicar nos estudos e começar a ensinar crianças. Ainda assim, Sikaki permaneceu firme em sua decisão. Além disso, não havia outra alternativa diante dele. Afinal, quando o peixe é tirado da água, está fresco.

Contudo, a coisa mais difícil era o começo, ele não encontrava nenhum interesse na leitura. Talvez, seu longo tempo empregado em trabalhos artísticos e manuais era a razão para a estagnação de seu talento científico e literário. Entretanto, sua idade avançada e sua pouca aptidão não podiam impedir sua decisão. E com grande esforço, entusiasmo e dedicação para conseguir conhecimento, Sikaki se entregou aos seus estudos. Nesse interim, um outro fato ocorria.

O professor que o estava ensinando o *fiqh Shafi'i*, ensinou a ele: *“É a crença do professor que a pele de um cão se torna pura após ser curtida”*. Sikaki repetiu esta sentença dez vezes, de modo que quando chegasse o exame ele pudesse conseguir uma boa nota. Mas

quando foi questionado sobre esta lição, ao dar a resposta, disse: *“A crença do cão é que a pele do professor se torna pura depois de ser curtida”*. Ao ouvir sua resposta todos os presentes começaram a rir. E todos pensaram que aquele ancião era absolutamente incapaz de ler e escrever. Depois desse incidente, Sikaki não apenas abandonou a escola, assim como deixou a cidade e foi para a floresta. Por acaso, ele chegou ao sopé de uma montanha e viu a água que gotejava e que um buraco tinha sido formado na pedra. Por algum tempo, ele manteve seu pensamento absorto naquilo. Isso teve um efeito profundo em seu coração e em sua mente. E ele disse: *“Pode ser que meu coração não esteja de todo inclinado à leitura e a escrita, mas não é tão duro como esta pedra. Portanto, é absolutamente impossível que continuando a estudar com diligência não alcance o conhecimento”*.

Raciocinando deste modo, ele voltou e se empenhou na aquisição do conhecimento. O resultado foi que depois de algum tempo foi reconhecido entre os sábios de seu tempo.

24 - O Jovem Aflito

O Profeta Mohammad (S.A.A.S.) recitava sua prece da aurora na mesquita junto com outras pessoas. A essa altura, estava ficando claro e as pessoas já podiam enxergar com clareza. Nesse momento, o Profeta (S.A.A.S.) viu um jovem cujas condições pareciam anormais. Sua cabeça não podia descansar em seu corpo e estava continuamente se movendo de um lado a outro. O Profeta olhou para sua face e viu que estava pálida; seus olhos estavam fundos. Seus membros tinham se afinado e emagrecido. O Profeta (S.A.A.S.) perguntou a ele:

- *“Qual sua situação?”*
- *“Eu estou na condição da certeza, ó Mensageiro de Deus”.*
- *“Toda certeza tem alguns sintomas que indicam sua veracidade, qual é o sintoma de tua certeza?”*

- *“Minha certeza está associada com minha aflição. Durante as noites, o sono me é retirado e os dias eu passo com sede, tenho dado as costas aos confortos do mundo e tenho virado a face para a Outra Vida. É como se eu estivesse vendo a Soberania de Deus no Dia do Julgamento, assim como a condição da ressurreição de toda a criação de Deus. É como se eu visse as pessoas no Paraíso em êxtase e as pessoas no Inferno em severo tormento. Como se o terrível barulho das chamas do fogo infernal estivesse soando em meus ouvidos”.*

O Profeta (S.A.A.S.) virou-se para as pessoas e disse:

- *“Ele é um servo de Deus cujo coração foi iluminado pela luz da fé”.*

Em seguida voltou-se para o jovem e disse:

- *“Mantenha este bom estado contigo”.*

O jovem disse:

- *“Ó Mensageiro de Deus! Ore para que Deus me dê uma oportunidade para o Jihad e o martírio em sua causa e em sua senda”.*

O Profeta (S.A.A.S.) orou por isso. Não demorou muito e a oportunidade surgiu para o Jihad e o jovem participou dele. A décima pessoa que alcançou martírio naquela guerra foi este jovem.

25 – O Necessitado e o Rico

O Profeta Mohammad (S.A.A.S.), o Mensageiro de Deus, estava sentado em sua casa como de costume. Seus companheiros e amigos estavam sentados ao seu redor de uma maneira que parecia haver um anel precioso no meio da sala. Foi quando um muçulmano pobre e vestido em andrajos entrou, e levando em conta as tradições islâmicas em que qualquer pessoa é considerada igual às demais, e conforme a etiqueta da reunião, o recém-chegado deve se sentar no lugar vazio que encontrar; e um homem não deve achar que este ou aquele lugar não é conveniente de acordo com seu status ou prestígio. Portanto,

aquele homem pobre começou a procurar um lugar vago para sentar. Ele olhou em todas as direções e então achou um lugar num canto. Assim, em silêncio, ele se sentou ali.

Por acaso, ao lado dele, estava sentado um homem rico que puxou sua veste cara e se virou de lado. O Mensageiro de Deus (S.A.A.S.) observava tudo isso atentamente. Vendo o comportamento do rico, o Profeta do Islam (S.A.A.S.) disse:

- *“Temestes que a pobreza e a penúria dele lançassem sua sombra sobre ti?”*

- *“Não, ó Mensageiro de Deus. Não!”*

- *“Então, qual foi a razão para que ao ver este homem, tu viraste de lado?”*

- *“Ó Mensageiro de Deus! Eu cometi um erro e reconheço meu erro. Estou pronto a pagar por este meu pecado. E como forma de expiação, desejo dar metade de minha riqueza a este meu irmão pobre e necessitado”.*

Ao ouvir o que o rico estava dizendo, o homem pobre disse:

- *“Mas eu não estou de modo algum disposto a aceitar esta riqueza”.*

Todos que estavam sentados na reunião do Mensageiro de Deus (S.A.A.S.), perguntaram:

- *“Por que não, afinal?”*

O homem pobre respondeu:

- *“Eu temo que a abundância da riqueza possa fazer-me também tão orgulhoso que eu comece a me comportar com os irmãos muçulmanos pobres do mesmo modo como este companheiro fez comigo”.*

26 – As Últimas Palavras

Ummi Hamidah, mãe do Imam Musa Al Kázim (A.S.)¹⁸, estava sentada e muito entristecida depois da morte de seu esposo, Imam Jafar Assadeq (A.S.). De repente, ela viu Abu Basir, que tinha vindo oferecer condolências pela morte do Imam. Ao vê-lo, lágrimas rolaram de seus olhos. Abu Basir também chorou por algum tempo e depois disso, tendo controlado suas lágrimas, Ummi Hamidah disse a ele:

- “*Tu não estavas presente quando o Imam estava dando seu último suspiro e algo estranho aconteceu*”.

Olhando para Ummi Hamidah com um olhar assustado, Abu Basir perguntou:

- “*O que aconteceu?*”

Ela respondeu:

- “*Aqueles eram os últimos momentos da vida do Imam e com os olhos fechados ele estava dando seu último suspiro. Subitamente, o Imam abriu os olhos e disse: “Chama a todos os membros de minha família, parentes e amigos”. O Imam comunicou seus últimos desejos como se estivesse dando instruções. Todos foram reunidos e até onde foi possível nenhum dos seus familiares, parentes e amigos foi deixado de fora. Todos estavam em pé próximos ao Imam e aguardando o que ele tinha a dizer em seus últimos momentos. Vendo todos ali ao lado dele, o Imam disse: “Não se beneficiarão de minha intercessão aqueles que menosprezarem a oração”.*”

18. 7º Imam dos Ahlul Bait (A.S.). Para saber mais consulte o segundo volume da coleção “Da Orientação do Islam”, “O Mensageiro do Islam e os Ahlul Bait”.



27 – A Greve de Fome do Professor

Sayyed Jawád Amuli foi um famoso sábio jurisprudente que escreveu a obra “*Miftahul Karámah*”. Um dia, ele estava fazendo sua refeição, quando ouviu uma batida na porta. Logo que soube que se tratava do servo de seu professor Sayyed Mahdi Bahrul ‘Ulum rapidamente correu para a porta. O servo, então, disse: “*Senhor, o professor está a vos chamar imediatamente. A comida já tinha sido posta diante dele, mas ele diz que não a tocará até que chegueis para atendê-lo*”.

Não havia tempo a perder, assim, sem mesmo terminar sua refeição, Sayyed Jawád apressadamente foi até a casa de Sayyed Bahrul ‘Ulum. Assim que o professor o viu, com ira e grande tristeza, disse: “*Ó Sayyed Jawád! Acaso não temes Deus? E não te sentes envergonhado diante d’Ele?*”

Sayyed Jawád ficou extremamente surpreso. Pensou no que poderia ter acontecido. Até aquele momento nada tinha acontecido que tivesse feito o professor repreendê-lo daquele jeito. Ele se pôs a pensar tentando descobrir a razão daquilo. Desesperado, pediu:

- “*Senhor, se possível, por favor, deixa-me saber qual foi meu erro*”.

- “*Teu vizinho não tem conseguido arroz e trigo na última semana, e neste período ele passou seus dias pegando tâmaras a crédito do vendedor do fim da rua. Hoje, quando ele foi até lá, antes que pudesse dizer qualquer coisa, o vendedor o desapontou dizendo: “Estás devendo muito”. Ouvindo isto ele se sentiu tão envergonhado que não podia levantar a cabeça, e voltou para casa de mãos vazias*”.

- “*Por Deus, eu não sabia disso. Se soubesse, definitivamente eu os ajudaria*”.

- “*Minha tristeza e minha ira se devem a tua falta de conhecimento; como pode não estar ciente da condição de teu vizinho após se passarem sete dias e noites? E se soubesses sobre isso e não tivesse tomado nenhuma atitude, não poderia ser tratado como um muçulmano.*”

- “*Dize-me, o que devo fazer?*”

- “*Meu servo levará uma travessa cheia de comida. Tu o acompanharás até a casa do homem. O servo voltará da porta da casa. Em seguida tu baterás na porta e o convidarás a jantar contigo. Pega este dinheiro e o ponha sob o tapete da porta. E peça a ele desculpas pelo fato de sendo seu vizinho, não teres te preocupado com sua família. Deixa a travessa de comida lá e retorna. Eu estou sentado aqui e não comerei até que retornes e me fales daquele homem piedoso*”.

O servo pegou a travessa, encheu de diferentes tipos de boa comida e acompanhou Sayyed. Quando chegaram diante da porta, o servo voltou. Depois de pedir permissão Sayyed entrou. O dono da casa ouviu o pedido de desculpas de Sayyed Jawad e a seu pedido, pegou a travessa de comida de suas mãos. Após o primeiro bocado na comida, ele percebeu que aquela não era comida da casa de Sayyed Jawad. De repente, ele parou de comer e disse:

- “*Esta comida não foi preparada por um árabe. Portanto, não é de tua casa. Até que tu me contes de onde esta comida veio, não tocarei nesta comida*”.

A suposição do homem era certa. A comida tinha sido preparada na casa de Bahrul Ulum que era iraniano de origem e tinha vindo de Brujurd. Sayyed Jawad insistiu com o homem dizendo:

- “*Por que te preocupas onde esta comida foi preparada; apenas coma-a*”.

Todavia, o homem não concordou com isso e disse:

- “*Não tocarei nesta comida até que me contes a verdade*”.

Sayyed Jawad percebeu que nada seria possível sem que contasse a verdade. Assim, ele contou a história do começo ao fim. Depois de ouvir a Sayyed Jawad, o homem comeu, mas estava muito surpreso, e disse:

- “*Nós não revelamos este segredo a ninguém! Ao contrário, não deixamos que nem o nosso vizinho mais próximo soubesse do que havia acontecido. Não sei como Sayyed Bahrul Ulum veio a saber disso!!*”

28 – O Astrólogo

O Príncipe dos Fiéis, Ali ibn Abu Talib (A.S.) e seus soldados estavam prestes a seguir para Nahrwan. De repente, um dos renomados companheiros de Ali (A.S.) foi até ele junto com uma pessoa e disse:

- *“Ó Príncipe dos fiéis! Este homem é um adivinho e quer contar algo a ti”*.

O adivinho disse:

- *“Ó Príncipe dos fiéis! Não é aconselhável que viajes neste momento. Por favor, espere duas ou três horas e então prossiga”*.

- *“Por quê?”*

- *“Porque as estrelas dizem que qualquer pessoa que viajar neste momento será derrotada por seu inimigo. Ele e seus seguidores sofrerão muito. Mas, no caso de viajares na hora que estou sugerindo a ti, sairás vitorioso e conseguirás atingir teus objetivos”*.

Ali (A.S.) perguntou:

- *“Minha égua está grávida. És capaz de dizer-me se a cria será macho ou fêmea?”*

- *“Se eu calcular, poderei fazê-lo”*.

- *“Estás a mentir, isto é impossível para ti; pois, está dito no Alcorão Sagrado: “Ninguém, exceto Deus, conhece o oculto e somente Ele conhece o que há no útero da mãe”. Nem mesmo o Mensageiro de Deus, reivindicou o conhecimento que estás a reivindicar. Reivindicas que possúis todos os tipos de conhecimento sobre este mundo? E que sabe quando alguém tem algo de bom ou mau em seu destino? Se alguém tiver fé em ti e acreditar no que dizes, não tem necessidade de Deus”*.

Depois disso, Ali (A.S.) disse para as outras pessoas:

- *“Acautelai-vos! Jamais sigam pessoas que dizem conhecer o invisível, seja um adivinho ou um mago. Um mago é um káfir (descrente); e a recompensa de um Káfir é o Inferno”*.

Então, olhou para o céu e proferiu algumas frases que se referiam a sua crença e confiança em Deus. Em seguida, se dirigindo ao adivinho disse:

- *“Propositalmente agirei contra o teu conselho e partirei imediatamente, sem nenhuma demora”*.

Logo em seguida, deu ordens para suas forças seguirem. Eles tomaram o rumo das forças inimigas. Como nas outras guerras na senda de Deus, naquele Jihad, o Príncipe dos Fiéis (A.S.) alcançou o triunfo e um maravilhoso sucesso.

29 – Imam Mohammad al-Baqir e um Cristão

Mohammad ibn Ali ibn Hussein (A.S.)¹⁹ tinha o título de “Baqir”, que significa, “analista”. Era chamado de “*báqirul ulum*”, o “analista do conhecimento”.

Um cristão, com escárnio, trocou a palavra “*báqir*” por “*baqar*” que significa “vaca”. E disse para ele “*anta baqar*”, isto é, “tu és uma vaca”.

Sem demonstrar ira ou aborrecimento, o Imam (A.S.) com simplicidade respondeu:

- *“Não, não sou baqar, eu sou báqir”*.

- *“Tu és filho de uma mulher que foi cozinheira”*.

- *“Sim, seu trabalho era este, o que não pode ser considerado um insulto ou algo desonroso”*.

- *“Tua mãe era uma negra desavergonhada e maldizente”*.

- *“Se tudo o que dizes sobre minha mãe for verdade, oro por sua remissão e que Deus perdoe seus pecados. E se for falso, oro para que Deus perdoe a ti por falar mentiras e cometer difamação”*.

A observação da tolerância e paciência daquela natureza, advinda de pessoa apta a punir um homem que não acreditava no Islam, foi suficiente para transformar o cristão e atraí-lo para o Islam. Mais tarde, o cristão viria a se tornar um muçulmano.

19. 5º Imam dos Ahlul Bait (A.S.). Para saber mais consulte o segundo volume da coleção “Da Orientação do Islam”, “O Mensageiro do Islam e os Ahlul Bait”.

30 – O Ancião e as Crianças

Um ancião estava realizando sua ablução. Porém, ele não sabia o modo correto de realizá-la. Imam Al-Hassan (A.S.) e Imam Al-Hussein (A.S.)²⁰, que eram crianças naquela época, o viram fazendo sua ablução. Uma vez que ensinar os mandamentos e a orientação islâmica são ações obrigatórias, não havia necessidade de hesitação para que eles o corrigissem. Era necessário ensinar o processo correto da ablução ao ancião. Entretanto, se fosse diretamente demonstrado a ele que sua ablução estava errada, não apenas ele se magoaria, assim como teria uma desagradável lembrança sobre a ablução. Além disso, não se sabia se tomaria aquilo como um insulto ou se adotaria uma posição de obstinação e não aceitaria a orientação de boa vontade.

As duas crianças pensaram em apontar seu erro de modo indireto. Primeiro, eles começaram a perguntar um para o outro enquanto o ancião os ouvia. Um deles disse: *“O meu modo de fazer a ablução é mais certo quando comparado ao teu”*. O outro disse: *“Não! A minha ablução é mais correta do que a tua”*.

Em seguida, eles chegaram a um acordo de fazerem a ablução diante do ancião, que, por sua vez, julgaria. Eles assim fizeram, e ambos realizaram a ablução do modo correto diante do homem. Com isso, o ancião compreendeu qual era o processo correto de se fazer a ablução. Ele percebeu a intenção verdadeira dos dois meninos e ficou profundamente impressionado com a sinceridade e inteligência deles. O ancião disse: *“Vosso modo de realizar a ablução está correto e é perfeito. Até agora, eu, um velho ignorante, não sabia o modo certo de realizá-la. É em virtude do amor e afeição que tendes pelos seguidores de vosso avô (o Profeta Mohammad), que me instruístes. Eu vos agradeço.”*

20. 2º e 3º Imames dos Ahlul Bait (A.S.). Para saber mais consulte o segundo volume da coleção “Da Orientação do Islam”, “O Mensageiro do Islam e os Ahlul Bait”.

31 – Os Salários Não-fixados

Naquele dia Sulayman Bin Jafar Jafari e Imam Ali Ar Rida (A.S.)²¹ tinham saído juntos para cumprir um trabalho. O sol já se punha quando Sulayman quis voltar para casa. Ali Ibn Musa Ar ‘Rida (A.S.) disse a ele: *“Vamos para minha casa e fica conosco esta noite”*. Sulayman aceitou o convite e foi com o Imam (A.S.) para sua casa.

O Imam viu seus servos ocupados cuidando do jardim. Ele também viu um estranho que também trabalhava no jardim com eles. O Imam perguntou:

- *“Quem é ele?”*
- *“Nós o contratamos hoje para que nos ajudasse”*.
- *“Está bem. Quanto fixaram como pagamento a ele?”*
- *“Daremos a ele qualquer coisa e ele ficará satisfeito”*.

Os sinais de descontentamento e raiva surgiram na face do Imam Ar Rida (A.S.), assim como sinais de que ele desejava puni-los. Sulayman Jafari se aproximou e perguntou: *“Por que estás aborrecido?”*

O Imam (A.S.) disse: *“Eu repetidamente tenho dado ordens que até que a tarefa e o pagamento sejam fixados, não se deve ter o trabalho feito por alguém. Primeiro, se deve fixar o valor do pagamento da pessoa e só então ter a tarefa feita. Embora, estabelecendo a quantia, a pessoa possa dar algo extra depois que a tarefa estiver terminada. Decerto, quando a pessoa perceber que o contratante lhe deu mais do que havia fixado, ela ficará agradecida e apreciará o contratante. E a afeição entre ambos aumentará. E se ainda o contratante der à pessoa apenas o que foi estabelecido, esta não ficará descontente com ele. Porém, se o contratante não fixar a quantia a ser paga e empregar uma pessoa para a tarefa, com qualquer coisa que der a ela depois do trabalho feito, ela não achará que o contratante a tenha favorecido. Pelo contrário, pensará que o contratante lhe deu menos do que seu real valor.”*

21. 8º Imam dos Ahlul Bait (A.S.). Para saber mais consulte o segundo volume da coleção “Da Orientação do Islam”, “O Mensageiro do Islam e os Ahlul Bait”.



Sheikh Taleb Hussein al-Khazraji em visita ao túmulo do Mártir Ayyatullah Mortedha Motahari (K.S.), em Qom, Irã.